

www.revistanascente.com.br

Ano XXXI • Nº 187  
Kislev / Shevat 5784 • Nov / Jan 24

# NASCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim



CHANUCÁ  
SAMÊACH!

FECHAMENTO AUTORIZADO, PODE SER ABERTO PELA ECT





# *Leiluy Nishmat*

*Moshê ben Shefia z"l*

*Nissim ben Emilie z"l*

*Raffaele ben Salha Picciotto z"l*

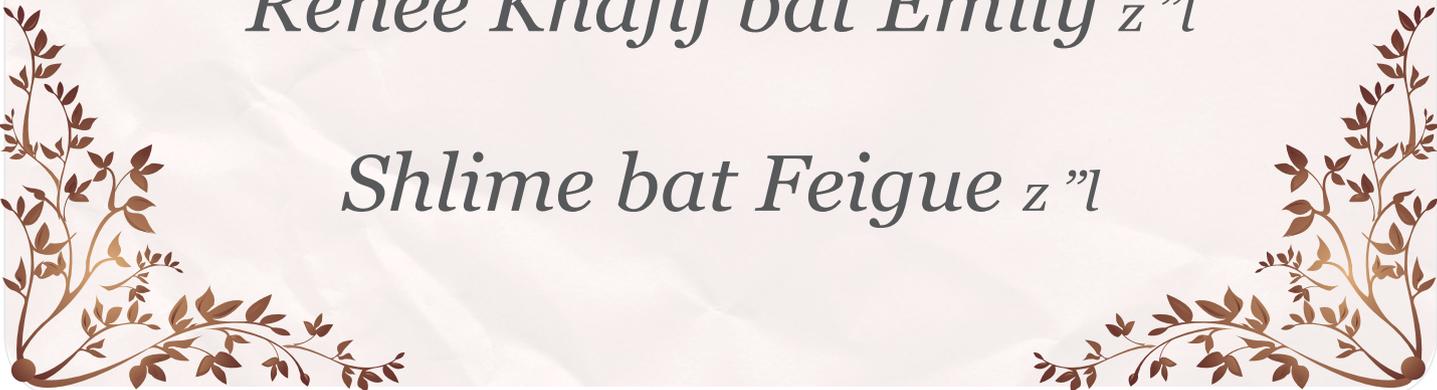
*Siahou Haim Dayan ben Adel z"l*

*Simon Alouan ben Guilsome z"l*

*Ester bat Sofi Shafia z"l*

*Renée Khafif bat Emily z"l*

*Shlime bat Feigue z"l*





Nº 187

Capa:

"O Acendimento da Chanukiyá".  
Comemorando III,  
pág. 49.

## Expediente

A revista *Nascente*  
é um órgão bimestral de divulgação da  
Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276  
CEP 01229-010 - São Paulo - SP  
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400

Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista\_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:  
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 9.500 exemplares

O conteúdo dos anúncios  
e os conceitos emitidos nos artigos  
assinados são de inteira responsabilidade  
de seus autores, não representando,  
necessariamente, a opinião da diretoria da  
Congregação Mekor Haim ou  
de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher  
anunciados não são de responsabilidade da  
Revista *Nascente*. Cabe aos leitores indagar  
sobre a supervisão rabínica.

A *Nascente* contém termos sagrados.  
Por favor, trate-a com respeito.

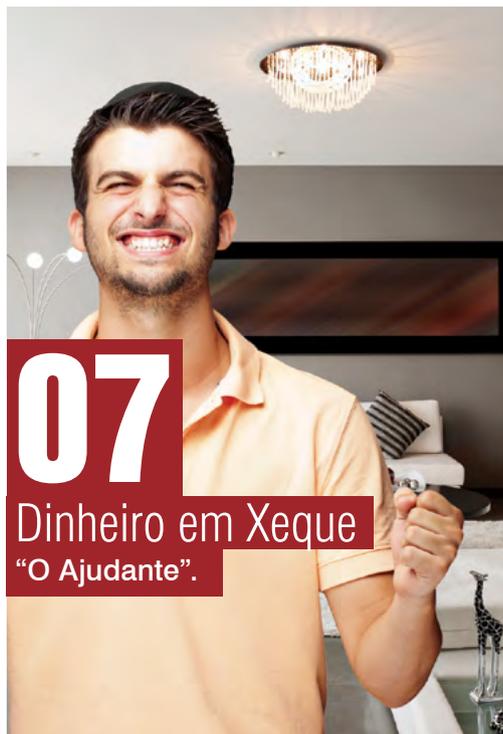
Páginas que necessitam de  
Guenizá estão assinaladas.

# NASCENTE

# Nesta Edição

## 49

Comemorando III  
"O Acendimento  
da Chanukiyá".



## 07

Dinheiro em Xeque  
"O Ajudante".



## 28

Jóias do Maguid  
"No Caminho  
Para Casa".

## 24

Leis e  
Costumes  
"Leis Referentes  
ao Alvorecer".  
Rabino I. Dichi

## 38

Visão  
Judaica II  
"O Sentido  
das Orações".  
Rabino I. Dichi

## 45

Comportamento  
"Como  
Comportar-se".  
Rabino I. Dichi

## 09

Visão  
Judaica I  
"Amor e Respeito".  
Rabino Zelig Pliskin



**10**

**Especial**

“Reinauguração da Sinagoga Mekor Haim”.



**52**

**Infantil**  
“Yehudit”.

**41**

**Ética dos Pais**  
“Pirkê Avot,  
Capítulo 1,  
Mishná 5”.

*Rabino Ari Friedman*

**55**

**Datas e Dados**  
“Datas e horários  
judaicos,  
parashiyot e  
haftarot para os  
meses de Kislev,  
Tevet e Shevat”.

**26**

**Comemorando I**  
“A Importância de  
Cada Membro do  
Povo de Israel”.

*Rabino I. Dichi*

**32**

**Quem Sabe  
Responde**  
“Um Desafio à  
Sua Sabedoria”.

**34**

**Comemorando II**  
“Os Jejuns de Tevet”.

*Rabino I. Dichi*

**A criança** volta intrigada da escola e pergunta para o pai:

– Pai! Os macabeus eram religiosos? Eu aprendi que os macabeus lutaram contra os gregos porque eles não deixavam os judeus cumprirem a *Torá*.

– Está certo, filho. Os macabeus eram religiosos.

O filho fica quieto por alguns instantes e depois pergunta:

– Pai, você é contra os macabeus?

– Claro que não! Eles foram heróis do nosso povo! Salvaram Israel dos inimigos!

Aparentemente, *Chanucá* comemora uma vitória nacionalista de Israel, frágil, contra o poderoso império grego. Muitas vezes é encarada como a comemoração de uma vitória natural da luta armada.

Mas a pergunta da criança é pertinente. Os *macabim* eram religiosos? Quais eram suas motivações? Por que arriscaram suas vidas? Qual o significado de sua vitória? Finalmente, e o mais importante, será que nós somos contra os *macabim*?

O domínio grego sobre Israel não era apenas territorial. Era, acima de tudo, cultural e intelectual. Eles difundiam à força sua cultura, dando valor ao material, à plenitude física e à glória dos homens, em oposição a todos os conceitos espirituais.

Os gregos levavam a “vida moderna” para os territórios que conquistavam. Chegaram em Israel e construíram teatros, estádios e universidades que divulgavam seus ideais. Obrigaram os judeus a abandonar seus valores ancestrais em favor de sua cultura. Afirmavam que a *Torá* era ultrapassada; que era necessário abandonar os costumes antiquados e aderir definitivamente ao mundo moderno.

Muitos judeus acabaram seduzidos pela “modernidade”. O massacre de nossa cultura fez com que a maioria do povo fosse helenizada em parte ou totalmente. Poucos judeus permane-

ceram integralmente fiéis à *Torá*. Os macabeus estavam entre eles.

Sim, os macabeus eram “religiosos”. Resolveram combater o perigo que ameaçava a continuidade do povo. Muitos judeus se opuseram a esta atitude radical. Então os macabeus foram adjetivados desdenhosamente de atrasados, antiquados, ultra-ortodoxos.

A grande vitória milagrosa contra o império grego foi fundamentalmente intelectual – a vitória do verdadeiro espírito judaico. A vitória na guerra e o posterior milagre do azeite foram a grande prova de que os *macabim* tinham razão, que D’us permanecia ao lado do povo judeu e que a *Torá* continuava a ser sua maior riqueza.

Para todos os que se aprofundam no estudo da *Torá*, ela se mostra atual e moderna também em nossos dias. A *Torá* sempre continuará sendo a maior fonte de riqueza, sabedoria e poder do nosso povo. Os gregos e sua cultura deixaram de existir, mas nós e nossa *Torá* continuamos vivos. A cada ano as luzes de *Chanucá* relembram isto. O acendimento da *chanukiyá* comemora o milagre que atestou o apoio Divino aos ideais espirituais dos macabeus, e não uma vitória bélica. Por isso não a comemoramos com desfiles.

Nos dias de *Chanucá* devemos refletir sobre os fatos que possibilitaram sua comemoração. A época é outra, mas os problemas são os mesmos. A que grupo pertencemos? Ao grupo dos macabeus, fiéis a seus valores? Ou dos antimacabeus que, seduzidos pela suposta modernidade, assimilaram-se e perderam sua identidade, caindo no esquecimento?

Quando, apesar de todas as pressões, podemos afirmar que a *Torá* é a base de nossa vida, comemoramos *Chanucá* com felicidade e tranquilidade. Desta forma, não comemoramos apenas um fato isolado do passado, mas também nossa vitória particular diária contra a terrível ameaça grega. Como poderíamos comemorar a vitória dos macabeus, se a cada dia nos deixássemos derrotar pelas mesmas forças que um dia tentaram massacrá-los? ■



# O Ajudante

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

Efráyim era um homem idoso com muitos problemas de saúde.

Efráyim tinha uma mágoa muito grande em relação ao seu filho único, que não se preocupava com ele e com suas necessidades. No entanto, felizmente, *Hashem* fez com que Levi entrasse em sua vida.

Levi era um rapaz muito bondoso, com um grande coração. Durante três anos Levi se comportou como um verdadeiro filho para Efráyim, cuidando dele dia e noite... Até o dia em que Efráyim faleceu.

Quando o testamento de Efráyim foi lido, todos tiveram uma grande surpresa! Efráyim havia deixado toda a sua fortuna, estimada em um milhão de dólares, para Levi, seu fiel ajudante.

Tão logo tomou conhecimento do testamento, Yehudá, o filho do Efráyim, foi ao *bêt din* – o

tribunal judaico. Yehudá reivindicou a herança para si.

A argumentação de Yehudá reclamando a herança foi a seguinte:

Efráyim só deixou o dinheiro para Levi porque imaginava que seu filho não ligava para ele; porque imaginava que Yehudá não se importava com o seu bem-estar. Efráyim também imaginava que Levi cuidava dele de forma totalmente altruísta e desinteressada. Mas nada disso era verdade...

Yehudá afirmou ao *bêt din* que, apesar de Levi ter sido um ótimo ajudante para seu pai, tratando-o com muito respeito e carinho, ele estava recebendo por isso. Yehudá afirmou que todo mês pagava, em segredo, um salário de mil dólares para que Levi cuidasse de seu pai, sem que Efráyim soubesse.

Yehudá se importava com o bem estar de seu pai. Procurou um bom ajudante, pagava-lhe um bom salário, e acompanhava a situação de seu pai frequentemente.

Sendo assim, agora ele pede ao *bêt din* que revogue o testamento que transferiu a herança para Levi, já que ela foi dada de forma equivocada.

Para quem o *bêt din* deve declarar a herança? Para Levi, o bom ajudante? Ou para Yehudá, o filho que contratou o ajudante?

### O veredicto

Primeiramente o *bêt din* deve investigar as afirmações de Yehudá. Deve verificar se realmente são verdadeiras. Se ele contratou Levi para cuidar de Efráyim.

Se for constatado que as afirmações de Yehudá são verídicas, é plausível decretar que o filho fique com a herança.

No *Shulchan Aruch* (Chôshen Mishpat 183, 3) consta o seguinte caso: Um indivíduo envia alguém para lhe comprar algo e este alguém acaba comprando para si mesmo com o dinheiro de quem o enviou. Neste caso, a compra pertence a quem enviou, e não ao enviado. O motivo disso é que a intenção do vendedor é vender apenas para o dono do dinheiro.

No nosso caso, também pode-

mos dizer que o testamento feito por Efráyim tinha a intenção de transferir a herança para o “dono do dinheiro”. E a companhia de Levi foi proporcionada somente pelos mil dólares que seu filho pagava todos os meses para ele.

Está escrito também no *Shulchan Aruch* (Chôshen Mishpat 246, 1) que sempre agimos de acordo com a intenção do doador, mesmo que não tenha sido explicitamente revelada por ele. Vejamos o seguinte caso para elucidar este princípio:

Um rapaz viaja para o exterior e, depois de algum tempo, dizem ao seu pai que ele morreu. O pai, imaginando não ter mais filho, escreve um testamento deixando todas as suas posses para outra pessoa. O pai falece e a herança é entregue para a outra pessoa. Então, certo dia o filho volta para casa. A notícia do falecimento certamente fora equivocada. Neste caso, o testamento deixado pelo falecido pai fica anulado. Se o pai soubesse que o filho estava vivo, não teria dado todas as suas posses para outra pessoa.

Aparentemente, nosso caso é similar. Efráyim, ao preparar seu testamento, pensava que seu filho o abandonara. Imaginava que Yehudá não se importava com ele e não o ajudava. Mas posteriormente ficou constatado que Yehudá o ajudava, pagando um

salário para Levi cuidar bem dele.

Sendo assim, caso os argumentos de Yehudá sejam confirmados, toda a herança deve ir para ele.

No entanto, o veredicto pode ser diferente caso Levi tenha se oferecido de livre e espontânea vontade para cuidar de Efráyim, sem receber nada em troca. Neste caso, mesmo que o filho quis gratificar-lhe pagando a quantia de mil dólares todos os meses, deve-se verificar se Levi é uma pessoa rica, se continuaria ajudando Efráyim mesmo sem a ajuda do filho. Neste caso, toda a herança ficaria com Levi.

Porém, se o *bêt din* constatar que Levi só continuou a cuidar de Efráyim devido ao salário que recebia do filho, toda a herança deve ir para o filho.

Em resumo: se Levi serviu Efráyim devido ao salário, a herança pertence a Yehudá.

Do semanário “Guefilte-mail”  
([guefiltemail@gmail.com](mailto:guefiltemail@gmail.com)).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagaon Yitschac Zilberstein Shelita  
Os esclarecimentos dos casos estudados no *Shulchan Aruch Chôshen Mishpat* são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.

Jovem Universitário Brasileiro

Aplique pelo site:  
[www.weducate.com.br](http://www.weducate.com.br)

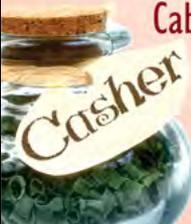
Você é dedicado e comprometido com seus estudos?  
As bolsas de estudos do WEducate para cursinhos e faculdades são para você!

**WEducate**  
create your future

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da revista

**NASCENTE**

Cabe aos consumidores indagar sobre a supervisão rabínica



**PARIS**  
condomínios

Administração de Condomínios  
Administração de Carteiras de Locação  
Locação e Vendas

Garanta uma elevação na qualidade e redução nas despesas da administração de seu condomínio!

Av. Cásper Líbero 58/12º and. (11)3228-4455.  
[www.pariscondominios.com.br](http://www.pariscondominios.com.br)

# Amor e Respeito

*Rabino Zelig Pliskin no livro  
"My Father, My King"*

Tente ouvir seu Pai, o Mantenedor de todo o Universo, dizendo-lhe:

Ame e respeite todos os Meus filhos. Tenha um profundo sentimento de respeito por cada pessoa que encontrar. A pessoa com que você está conversando foi criada à Minha semelhança. Ao respeitar toda e cada pessoa, você estará respeitando a Mim. Quanto maior for seu respeito por Mim, maior deverá ser seu respeito por aqueles criados à Minha semelhança.

Ame os demais como a si mesmo. Quanto mais focar nas boas qualidades de cada indivíduo que encontrar, maiores serão seus sentimentos positivos em relação a esta pessoa. Com alguns de Meus filhos isto será fácil. Mas faça o mesmo até com aquelas pessoas mais difíceis.

Identifique-se com outras pessoas e sentirá um amor adicional por elas. Ao irradiar amor pelos demais, você se tornará mais amado também. Aonde quer que vá, será bem recebido. Você transformará estranhos em amigos. Com o passar do tempo, ao adquirir a capacidade e a habilidade de amar incondicionalmente, você será capaz até de transformar inimigos em amigos.

E em especial, ao relacionar-se com alguém que ache difícil interagir, ouça-Me dizendo-lhe: "Neste instante você está conversando com alguém que foi criado à Minha imagem. Não perca esta oportunidade: Fale com amor e respeito!"



# REINAUGURAÇÃO DA SINAGOGA MEKOR HAIM





**Moisés Khafif**, presidente da Congregação Mekor Haim

Início minhas palavras citando uma *halachá* do Rambam, o Maimônides, em sua obra *Yad Hachazacá*: “Tudo que a pessoa faz para *Hashem*, que seja do bom e do melhor. Se faz uma casa para *Hashem*, uma sinagoga, que seja melhor do que a casa onde mora.”

Particularmente, eu não entendia bem essas palavras. Comecei a entender quando participei da reforma desta sinagoga.

Nós, da diretoria, decidimos dar início a uma reforma, que era de

grande necessidade. A partir daquele momento, os frequentadores começaram a questionar: “Vai ser uma reforma bonita? Vai ser feita com capricho? Vai ser um grande *kidush Hashem*? Vai estar de acordo com a dignidade da nossa *kehilá*?”

Nossa intenção inicial era fazer algo mais simples. O indispensável. Mas, quando percebemos a empolgação dos frequentadores, a vontade que todos demonstraram de ter um *bêt hacnêset* lindo, para enobrecer *Hashem* e nossas *tefilot*, começamos a entender a *halachá* que consta no Rambam. Todos tinham vontade de rezar e estudar em um lugar mais bonito que suas próprias residências. Foi isso que nos emocionou e nos deu o ânimo para trabalharmos com grande empenho em uma reforma tão especial. Hoje vemos, *baruch Hashem*, o sucesso obtido nesta iniciativa, pelo mérito de toda a *kehilá*.

Neste momento eu gostaria de fazer alguns agradecimentos. Antes de tudo, agradeço a todos os doadores, pela confiança que depositaram em nossa *kehilá*, doando com uma mão

aberta, com grande benevolência. Entre os doadores, gostaria de agradecer, especificamente, ao Sr. Tedy Safdie.

Convido algumas pessoas queridas para virem receber presentes simbólicos, que manifestam nossa imensa gratidão. Primeiramente, o excelente arquiteto Marcelo Rossett, idealizador deste projeto maravilhoso. O Sr. Henri Abuhab e seu filho David, da Abuhab Construções e Empreendimentos Ltda., estiveram sempre presentes, pessoalmente, acompanhando de perto os trabalhos da reforma. O engenheiro Jorge Freund, da Konstruir Engenharia, acompanhou a obra com os construtores e demonstrou grande competência e dedicação. O Sr. Sergio Fahrer planejou e fabricou esses belíssimos móveis, tão confortáveis, com o máximo de profissionalismo e carinho.

A próxima homenagem que eu gostaria de fazer é para alguém que não gosta de homenagens e presentes, mas certamente ele merece! O Rabino Isaac Dichi *Shlita* lidera a *kehilá* há mais de 40 anos. Sua constante dedicação, incansável,



é notória para todos. Para mim, o mais difícil foi encontrar um presente para o *Rav*. Procurei muito e não conseguia encontrar algo que ele realmente gostaria de receber. Mas finalmente encontrei, e gostaria de compartilhar com vocês. Será um maravilhoso presente de todos nós. Se sairmos desta linda festa comprometidos em frequentar esta casa em mais *shiurim*, em mais *tefiilot*, aproximando mais amigos, esse será um presente sensacional para o Rabino.

Eu não poderia deixar de citar algumas pessoas da administração que colaboraram muito durante essa obra. Os senhores José Zagury, Ezra Chamah, Rafi Bijo, Yaron Ashush e as senhoras Silvia Catach, Geni Finkelsztajn, Sílvia Majerowich, e Andrea Fischman. Agradeço muito a eles.

Além disso, nossos voluntários e voluntárias do Comitê de Damas e dos *guemachim* merecem nosso reconhecimento e gratidão.

Apesar de tantas pessoas que se empenham para o sucesso das

atividades desta congregação, nosso único e verdadeiro provedor, que nunca nos abandona, responsável por todos os êxitos é Hashem! Nós sempre levantamos as mãos para os céus e clamamos: "*Hacadosh Baruch Hu*, você é nosso único endereço para onde pedir! Por favor, coroe de êxito nossas intenções. Aceite nossas *tefiilot*, envie muita paz, saúde, *parnassá tová*, sucesso, vida longa e alegrias para todo *Am Yisrael!*

*Tizcu leshanim rabot neimot vetovot!*



Moisés Khafif (E), Sérgio Fahrer, Marcelo Rosset, Jorge Freund, David Abuhab e Henri Abuhab





**Dr. Marcos Knobel**, presidente da FISESP – Federação Israelita do Estado de São Paulo

Antes de mais nada, desejo *shaná tová umtucá* para toda a congregação.

Gostaria de saudar meu querido Rabino Isaac Dichi, em nome de todas as autoridades rabínicas aqui presentes, ao presidente Moisés Khafif, e parabenizar toda a sua diretoria pela maravilhosa condução dessa reforma.

Gostaria também fazer uma saudação especial ao meu querido sogro Yossi Arazi, em nome de todos os presentes.

Posso dizer que é um pouco estranho eu estar aqui como pessoa jurídica, representando a Federação Israelita do Estado de São Paulo, sendo que fui muito bem recebido nesta casa e passei momentos muito importantes da minha vida. Comemorei meu *Shabat chatan* e dei nomes aos meus filhos aqui. Desta forma, guardo um carinho muito especial pela Mekor Haim e considero que aqui também a minha casa!

Ilustre Rabino, é emocionante ver essa sinagoga totalmente lotada. Isso me faz recordar alguns momentos das nossas conversas no ano de 2020, durante a pandemia. Naquela

ocasião, o senhor sabiamente cogitou em fechar a sinagoga durante *Rosh Hashaná*, para preservar a saúde da sua *kehilá*, conforme me comunicou. Tamanha lucidez e responsabilidade me pegou de surpresa. Certamente o senhor gostaria que todos comemorassem os *yamim noraim* juntos na sinagoga! Ainda assim, como prioridade, o senhor pensou na saúde de todos! Naquela época tive conversas também com o Benjamin, com o Celso e com o Mimi, justamente para dar o suporte necessário de segurança e os protocolos para que todos aqui pudessem comemorar as festas judaicas de uma maneira segura e alegre. Graças a D'us, seguindo todo o protocolo necessário, as festas foram comemoradas. Felizmente, chegamos a um momento em que temos a sinagoga cheia e todos, graças a D'us, com saúde.

A Federação Israelita do Estado de São Paulo está aqui para servir vocês. Nossa intenção é que todos possam praticar o judaísmo da melhor maneira possível e com segurança.

Essa reforma física ficou maravilhosa! Mas posso dizer que, desde a primeira vez que pisei aqui até hoje, o que mais me impressiona é a parte espiritual. Essa força se deve à sua perseverança, rabino, e à força da sua diretoria, sob a liderança do Sr. Moisés Khafif. Com isso, formou-se um *cahal* totalmente engajado, que nos deixa muito satisfeitos.

Nas nossas reuniões na Federação eu sempre afirmo que a Congregação Mekor Haim é um orgulho para a nossa comunidade!

Parabéns mais uma vez a todos vocês, parabéns ao Rabino e *shaná tová!*







Luiz Kignel, diretor da CONIB – Confederação Israelita do Brasil

Boa noite a todos!

Em nome da Confederação Israelita do Brasil cumprimento todo o rabinato, na pessoa do Rabino Isaac Dichi, as entidades aqui presentes, na pessoa do nosso presidente Marcos Knobel, e todos os congregantes presentes, na pessoa do Sr. Moisés Khafif.

Quando presidi a Federação Israelita fui testemunha, assim como o Marcos é hoje, de quanto o Rabino Dichi faz para fora desta comunidade e o quanto ele nos ajuda. É uma pessoa que nos liga para questionar a melhor maneira de agir e para nos cobrar posições como lideranças comunitárias. Apesar de todo o tempo que dedica a esta entidade, ainda encontra tempo para auxiliar a Federação sempre que surge uma oportunidade. Sempre solícito a nossas consultas e preocupado com todo o *yishuv*, “porta de casa para fora”, também.

Além do sucesso visível da reforma física desta congregação, gostaria de passar uma mensagem muito relevante e importante relacionada com a reforma.

Além da questão da beleza física, a reforma traz outra consequência, não menos importante e não menos

bela. Durante todos esses meses, muitas crianças ouviram em seus lares sobre a preocupação dos pais com a reforma da sinagoga. Essa geração jovem cresceu ouvindo que é necessário doar para a sinagoga, que é necessário participar, que é necessário preocupar-se com a sinagoga. Jovens entre 8 e 18 anos passaram meses ouvindo dos seus pais, que é importante deixar a sinagoga mais bonita, mais acessível, mais acolhedora, mais digna.

Essa nova geração, daqui a quinze ou vinte anos, estará na liderança da comunidade. Eles vão dizer o que ouviram de seus pais e que desejam empenhar-se, da mesma forma, em prol da *kehilá*.

O grande ganho da reforma, além da beleza física, é a beleza da conexão, do pertencimento – quando uma geração de jovens vê que seus pais dedicaram tempo e valores para um ideal judaico. Essa é mais uma grande conquista decorrente desta reforma.

Em nome da CONIB, desejo a todos vocês *chatimá tová*, que sejam inscritos, selados e confirmados no Livro da Vida.







**Uri Baroukh**, diretor da Congregação Mekor Haim

Gostaria de compartilhar com todos vocês o meu sentimento pessoal.

Imaginem uma família – um pai com sua esposa e três filhos – que viveram ótimos momentos durante quinze anos em uma casa e decidem

fazer uma reforma. Eles alugam um pequeno apartamento próximo dali, que não é tão confortável, e passam onze meses ansiando pelo dia que poderão voltar para casa.

E cá estamos! Após onze meses de reforma, estamos voltando para nossa casa – linda, moderna e repaginada. Esta é a nossa casa, porque começamos nosso dia aqui, rezando e estudando, e terminamos nosso dia aqui, rezando e estudando.

A sinagoga faz parte de nossa rotina e é a nossa vida. Temos apenas ótimas lembranças dos lindos momentos que vivemos em tantas épocas passadas neste endereço.

Gostaria de agradecer, antes de tudo, ao Rav Dichi Shlita, por tantos anos de empenho e dedicação incondicionais para nossa kehilá. Que

*Hashem* continue dando a ele força, saúde e sabedoria para liderar nossas iniciativas.

Agradeço também a todos que trabalharam aqui, rabinos, chazanin, funcionários, diretores e voluntários. Cada um tem o mérito de participar com um tijolo desta grande obra.

De uma forma especial, gostaria de fazer um agradecimento ao nosso presidente, o senhor Moisés Khaffif. Pessoalmente, fiquei impressionado de observar como uma pessoa dedica tanto tempo da sua vida em prol do tsibur! A sua vida é a sinagoga! Você é um exemplo de comprometimento e responsabilidade em relação ao público, para a nova geração e para todos nós.

Muito obrigado a todos.





**Rabino Isaac Dichi Shlita**, rabino da Congregação Mekor Haim

A *Torá* nos ensina que um dos fundamentos básicos e essenciais para a formação do perfil espiritual de um *yehudi* é a gratidão. Início minhas palavras com um profundo agradecimento ao Eterno. Não teríamos chegado a nada, e principalmente a um momento solene e tão emocionante como este, se não fosse a ajuda do Todo-Poderoso. Mesmo no âmbito particular, cada indivíduo, independentemente de suas ocupações, não chega a nada sem a ajuda de *Hashem*.

Nosso maior mérito neste mundo é o empenho em coroar o Todo-Poderoso como nosso rei. Ter a oportunidade de fazer isso deve ser o maior motivo de nossa gratidão. Conforme nos explica *Rabi* David Abudarham, o valor numérico da palavra “kêter”, coroa em hebraico, é 620, o mesmo valor numérico das letras que compõem a frase “Hashem mêlech, Hashem malach, Hashem yimloch leolam vaed” – D’us é rei, reinou e reinará eternamente”. Na “Iguêret Hacôdesh” do Báal Hatánia consta também que kêter é a “vontade de Hashem”, as 613 mitsvot da *Torá* mais as 7 mitsvot dos nossos sábios.

Esta congregação atravessou cinco etapas físicas. Foi fundada em 7 de junho de 1959 com sede em uma casa na Rua Brigadeiro Galvão.

Logo em seguida a comunidade egípcia passou a fazer um esforço sobrenatural para construir uma sede mais apropriada, apesar da situação financeira desfavorável da maioria, que saiu do Egito deixando lá todos os seus pertences. No mesmo ano de 1959 o Sr. Joseph Farhi encabeçou a compra de um terreno de 700m<sup>2</sup>, lançando a pedra fundamental da nova sede da Congregação Mekor Haim em Higienópolis. Naquela época os doadores ofereciam valores equivalentes ao custo de sacos de cimento e de tijolos para participarem da construção! A sede da Rua São Vicente de Paula finalmente foi inaugurada em 1967.

A terceira etapa aconteceu com a compra de um edifício vizinho e sua reforma, encabeçada por nosso estimado *gabay*, o senhor Menachem Khafif, um líder que por quase três décadas nunca se indispôs com qualquer frequentador.

A quarta etapa começou quando a *kehilá* adquiriu um terreno ao lado e construiu o novo prédio, inaugurado no início de 2012. Um grande amigo, o Sr. Marco Matalon, perguntou-me o que faríamos com mais um edifício. E o tempo respondeu! As novas instalações estão ocupadas com *Torá*, *quemilut chassadim* e com *tefilá*!

Finalmente, esta quinta etapa, a reforma da sinagoga, foi encabeçada pelo nosso presidente, o senhor Moisés Khafif, junto com a diretoria tão diligente.

*Hashem* sempre nos ajudou, e pedimos neste momento que continue nos ajudando!

Gostaria de fazer uma menção honrosa – e também uma *hashcavá*, ou *Kel Malê Rachamim* – a personagens que se destacaram nesta comunidade. O primeiro rabino foi o *Rav* Moshê Dayan, que em pouco tempo conseguiu enraizar os principais valores judaicos na *kehilá*: os conceitos de *Shabat*, pureza do lar, *tsedacá* e tantos outros.

Vindo do Líbano, o *Chacham* Chahoud Chreim passou os últimos vinte anos de sua vida nesta cidade, liderando os rabinos sefarditas e orientando-os quanto aos assuntos relacionados com o crescimento dos valores espirituais na cidade.

Os presidentes anteriores da Congregação, *zichronam livrachá*, foram o Sr. Joseph Farhi, o Sr. Edgard de Picciotto, o Sr. Albert Dichy e o Sr. Victor Lagnado, além do presidente honorário, o Sr. Edmundo Safdié.

Os presidentes que estão entre nós – que *Hashem* lhes dê vida longa – são o Sr. Maurice Baroukh, o Senhor Benjamin Souccar e o nosso presidente atual, o Senhor Moisés Khafif.

Os primeiros *chazanim* foram os senhores Nissim Chattach e Youssef Man, um homem incansável. Colaboraram com eles os senhores Kamal Ashkenazi, Shelomo Boussidan, David Simhon, Albert Tawil e Jacob Cohen. Os *gabayim* anteriores foram os senhores Salvo Carola, Moise Cohen e mor avi Victor Dichi. Entre os colaboradores, cabe destacar os senhores Eli Habib, Daniel Chaim, Vita Gomel, Elie Nahoum, Salomon Harari, Albert Mattatia e Jaques Mattatia. Entre os diretores, cito aqui os senhores David Douek, Rafael Horn,

Ibrahm Salama, Joe Picciotto, Claudio Leon, Isaac Carolla, Salvo Carolla, Abramo Cohen, Haim Dichi, Ezra Chammas, Marc Farhi, Albert Katri, Albert Azrak, Max Catach, Isaac Michaan, Eduardo Levi, Nathan Souccar, Victor Souccar, Jacques Eskenazi, Alberto Haber, Emile Harari, Maurice Harari, Clement Aboulafia e, lehavdil ben chayim lechayim, o engenheiro Samir Dichy, que construiu a segunda sinagoga aqui.

Cada um destes senhores colocou um tijolo nesta nobre obra. Que o mérito de todas as atividades desenvolvidas na *kehilá* prevaleça para eles no mundo superior.

Hoje, no calendário judaico, é o dia 25 de elul, que foi o primeiro dia da Criação. Em *Rosh Hashaná*, o sexto dia da Criação, o Todo-Poderoso criou o ser humano. O ser humano é chamado pela nossa literatura de “a coroa da criação”. Esse título compromete a todos nós, a comportarmos-nos à altura desta expectativa. Quando Hashem criou o primeiro homem Ele lhe disse: “Fique atento para não estragar minha obra!”. Este é um recado para toda a humanidade. Devemos estudar e entender o que a *Torá* espera de nós, para não sermos arrastados por concepções e pensamentos que contradizem a vontade de *Hashem*.

A *Torá*, o judaísmo, é um mundo de fraternidade – “*yedidut*”, em hebraico. No *Talmud*, tratado de *Menachot* 53, consta a seguinte mensagem: “*Yavô yedid ben yedid veyivnê yedid leyedid bechalcô shel yedid veyitcaperu bô yedidim* – Que venha o fraterno (o rei Salomão) filho do fraterno (descendente de Avraham *Avínu*) e construa o fraterno (o

*Bêt Hamicdash*) para o fraterno (o Todo-Poderoso) no território do fraterno (Binyamin) e serão expiados os pecados dos fraternos (o Povo de Israel). O *Talmud* traz versículos demonstrando que todos os citados nesta passagem foram denominados de “fraternos” em versículos do *Tanach*.

Estou muito satisfeito de ver tantas pessoas presentes hoje. Inclusive pessoas que não estão sempre presentes. Por isso, é importante frisarmos que o judaísmo é um mundo de fraternidade, que acolhe os seus filhos. Quem tem uma visão diferente não conhece o judaísmo autêntico. O judaísmo é acolhedor, é perseverante e exige de nós dedicação. Com esta visão e com a ajuda de Hashem a pessoa atinge as suas metas e é merecedora de méritos sem-fim.

Quando nossos antepassados atravessaram o mar, disseram: “*Zê Eli veanvêhu*” – este é o meu D’us e vou enaltecê-lo. Sobre este conceito de enaltecer *Hashem*, o *Talmud* traz dois comentários no tratado de *Shabat*. O primeiro é sobre alguém que vai fazer uma *mitsvá*, como comprar um *lulav*, um *tsitsit* ou um *Sêfer Torá* – que compre bonitos. O segundo, citado pelo sábio Aba Shaul, diz: procure assemelhar-se ao Criador. Sabendo que *Hashem* é piedoso e misericordioso, seja você também!

Sobre estas duas interpretações, o sábio Shaagat Aryê comenta que não há divergência; que elas são complementares. A primeira opinião refere-se às *mitsvot* entre nós e *Hashem*, como o *lulav* e o *tsitsit*. A segunda refere-se às *mitsvot* entre nós e nosso semelhante. Devemos enaltecer *Hashem* cumprindo suas *mitsvot* com beleza, empenho e empolgação.

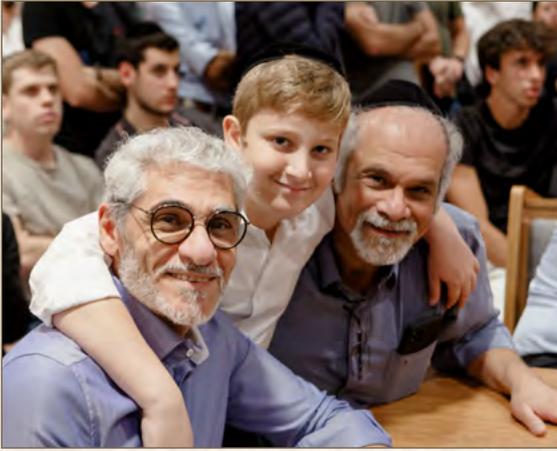
Em toda sinagoga e em todo centro de estudos judaico colocam-se em prática os três alicerces sobre os quais o mundo se sustenta: o estudo da *Torá*, a *teflá* e a prática de *guemilut chassadim* – boas ações. Conforme explica o Maharal de Praga, estes lugares são um reduto, uma extensão, da Terra de Israel. E é aqui que os frequentadores dão sustentabilidade ao mundo nas condições impostas por *Hashem*.

Encerro minhas palavras dizendo que estamos muito felizes, mas não podemos esquecer que o *bêt hacnêset* não é a casa definitiva de *Hashem*. Todo *yehudi* precisa aspirar a vinda do *Mashíach* e caberá a ele construir o terceiro *Bêt Hamicdash*, que seja em breve, amen ken yehi ratson.

*Ketivá vechatimá tová a todo cahal cadosh.*







**HOPE**® Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos!



**Albert Choueke e família**

Parabenizam a Congregação Mekor Haim pelo belíssimo trabalho de divulgação da nossa sagrada Torá

A confiabilidade dos anúncios desta publicação é de inteira responsabilidade dos anunciantes, não cabendo responsabilidade à diretoria da Congregação ou a seus associados.

**NASCENTE**



# Leis Referentes ao Alvorecer

## Netilat Yadáyim, Birchot Hasháchar, Birchot Hatorá e limpeza do corpo

Rabino I. Dichi

### Modê Ani

1) Logo ao acordar diz-se *Modê ani lefanecha...* Este texto pode ser dito antes de fazer *netilat yadáyim* (abluir as mãos) pois nele não consta o nome do Criador.

2) Deve-se prestar atenção à vírgula depois de “*bechemlá*”. As palavras *rabá emunatecha* são pronunciadas sem interrupção.

### Netilat yadáyim (ablução ritual das mãos)

3) Logo em seguida ao *Modê Ani* deve-se fazer *netilat yadáyim* com uma caneca ou um copo. Verte-se água sobre as mãos seis vezes até o punho, de forma intercalada começando a despejar na mão direita – encha a caneca com a mão direita, passe-a para a esquerda e comece despejando na direita.

4) Logo após esta *netilá* (ablução) não recite a *berachá* de *netilat yadáyim* até depois de fazer suas necessidades e vestir-se. Só então faça uma segunda *netilat yadáyim*, recitando a *berachá* antes de secar as mãos. Depois diga *Asher Yatsar*, em seguida “*Elocay, Neshamá Shenatata Bi*” e as demais *Birchot Hasháchar* (Bênçãos Matinais).

5) Cuide-se em não fazer a *berachá* de *netilat yadáyim* duas vezes, pois os *chachamim* instituíram *netilat yadáyim* com *berachá* apenas uma vez pela manhã e a cada vez que for comer pão. Todas as outras vezes que se faz necessário lavar as mãos – como por exemplo após sair do banheiro, depois de cortar as unhas, cortar os cabelos, depois do banho, etc. – não se recita esta *berachá*.

### Birchot Hasháchar

6a) Durante *Birchot Hasháchar* é recomendável logo após o término de *Bircat Asher Yatsar* dar início à *berachá* de *Elocay* (*Elocay, neshamá shenatata bi tehorá...*) e não fazer nenhum intervalo entre elas.

6b) O costume dos *sefaradim* é não dizer a *berachá* “*Sheassa Li Col Tsorki*” no dia 9 de *Av* e no *Yom Kipur*, pois nestes dias uma das cinco proibições vigentes é não calçar sapatos de couro. Os *ashkenazim* fazem esta *berachá* inclusive nestes dois dias, mas convém consultar um rabino sobre como proceder.

### Birchot Hatorá

7) Não se pode estudar *Torá* antes de recitar as *berachot* da *Torá*, e deve-se recitá-las com alegria. As *berachot* da *Torá* pronunciadas a cada manhã são três: *Asher kideshánu bemitsvotav vetsivánu al divré Torá* (*ashkenazim: laassoc bedivrê Torá*), *Vehaarev Ná* e *Asher Báchar Bánu*.

O pai e a mãe devem sempre rezar por seus filhos, para que sejam estudiosos da *Torá*, pessoas justas e com boas qualidades. Neste contexto, deve-se ter uma concentração especial ao dizer “*Ahavat Olam*” em *Shachrit*, que é uma declaração de gratidão por *Hashem* ter nos dado a *Torá*. O mesmo quando recitamos “*venihyê anáchnu vetseetsaênu* – que sejamos nós e nossos descendentes” nas *berachot* da *Torá*. Assim também, quando recitamos “*lô nigá laric velô neled labehalá* – que

não trabalhemos em vão, nem venhamos a gerar para perturbação”.

8a) Costuma-se dizer logo após as bênçãos da *Torá*, sem interrupção, o trecho de *Bircat Cohanim*.

8b) As mulheres também recitam as bênçãos da *Torá*.

9a) Quem não dormiu à noite pelo menos durante meia hora (como na noite de *Shavuot* ou *Hoshaná Rabá* quando se costuma passar a noite em claro estudando), deverá portar-se da seguinte maneira em relação a *Birchot Hasháchar*:

- Os *sefaradim* a partir de *chat-sot layla* (o meio da noite) poderão dizer todas as *berachot* de *Birchot Hasháchar*, exceto as seguintes: *berachá* de *netilat yadáyim*, *berachá* de *Asher Yatsar* e as *berachot* da *Torá*. Depois de *alot hasháchar* (a aurora; vide tabelas de horários no cap. 24) devem fazer *netilat yadáyim* sem *berachá* e dizer as *berachot* da *Torá* antes de *Shachrit*.

- Os *ashkenazim* dirão *Birchot Hasháchar* exceto *Elocay Neshamá*, as *berachot* da *Torá* e *Hamaavir Shená*. Devem procurar ouvi-las de alguém que tenha dormido e responder *amen*. Em relação à *berachá* de *netilat yadáyim*, caso tenham feito suas necessidades antes da *tefilá*, devem fazer *netilat yadáyim* com *berachá*.

9b) Nas noites de *Shavuot* e *Hoshaná Rabá*, por exemplo, quem dormir à noite na cama durante o período mínimo de meia hora, antes de começar a estudar deverá dizer as *berachot* da *Torá*. Ao amanhecer não deverá recitá-las novamente. Mesmo que volte a dormir nesta mesma noite, ao acordar não deverá recitá-las novamente.

10) Toda vez que a pessoa fizer suas necessidades fisiológicas, deverá lavar as mãos sem recitar a bera-

*chá* de *netilat yadáyim* e depois deverá recitar a *berachá* de *Asher Yatsar*.

### Limpeza do Corpo Para Proceder a Tefilá

1) É necessário lavar as mãos (sem *berachá*) antes das orações de *Shachrit* (a *netilá* que fez ao acordar é válida se cuidou em não impurificar as mãos desde então), *Minchá* e *Arvit*.

2a) Se estiver necessitado de ir ao toalete para urinar ou evacuar não deverá rezar, mesmo que consiga conter-se por 72 minutos. Embora possa vir a perder *tefilá betsibur* (rezar a *Amidá* com *minyán*) deve rezar depois, pois é melhor rezar *beyachid* (em particular) com o corpo limpo. Porém, se estiver próximo ao prazo final de *zeman tefilá* – o prazo limite para rezar a *Amidá* (vide cap. 22 par. 10) – e calcular que pode conter-se por 72 minutos, deverá rezar para não perder o *zeman tefilá*.

2b) Se necessitava de ir ao toalete e, agindo de forma errada, rezou a *Amidá*:

Se no início da *Amidá* tinha necessidade de evacuar e não conseguiria se conter por 72 minutos, sua reza é chamada de “*toevá*” – repudiada. Portanto, deve refazê-la após sair do toalete. Se tinha necessidade de urinar, não deverá repetir a *Amidá*.

Se no início da *Amidá* conseguiria se conter por 72 minutos, cumpriu sua obrigação *bediavad (pós factum)*.

3) Esta mesma *halachá* aplica-se sobre o estudo da *Torá*, a leitura do *Shemá* e a recitação das bênçãos, que não deverão ser feitas se está necessitando ir ao toalete.

4) O indivíduo deve se limpar meticulosamente após evacuar, sendo o mais recomendável que o faça com água.

Nos lugares onde não há ducha higiênica, pode-se usar papel umedecido.

5) Caso tenha-se auto-avaliado antes da *tefilá* e constatado que não necessitava ir ao toalete, mas no meio da *Amidá* sentiu necessidade, não deverá interromper a *Amidá*, e sim concluí-la e em seguida ir ao toalete, não esperando nem para responder a *Kedushá*.

Se sentir necessidade no meio da *Amidá* e não conseguir se conter até o fim, deverá ir ao toalete. Nesta oportunidade não deverá conversar. A conduta correta ao voltar é a seguinte:

*Ashkenazim*: Se o tempo da interrupção, mesmo que em silêncio, for igual ao tempo que levaria para rezar toda a *Amidá* (do início ao fim), deverá recomeçar a *Amidá*. Caso contrário, retomará do lugar onde interrompeu.

*Sefaradim*: Somente recomeçarão do início da *Amidá* no seguinte caso: se conversaram e demoraram mais que o tempo necessário para rezar toda a *Amidá*. Se permaneceram em silêncio ou demoraram menos que o tempo para recitar toda a *Amidá*, retornarão do lugar onde interromperam.

6) Nas outras partes da *tefilá* (que não a *Amidá*), deverá interromper e ir ao toalete (com respeito à *beracha* de *Asher Yatsar*, vide cap. 20).

7) Não se deve fazer a *tefilá* sem meias, de chinelo, com roupas de esportes ou sem sapatos (apenas com meias). Também não se deve fazer a *tefilá* de pijama.

\* \* \*

*Sobre três coisas o mundo sustenta-se: sobre a Torá, sobre a Avo-dá (sacrifícios, hoje substituídos pela oração) e sobre Guemilut Chassadim (benfeitorias).*

*Pirkê Avot 1:2.*

**Do livro “Vaani Tefilá”**

# A Importância de Cada Membro do Povo de Israel

Rabino I. Dichi

## O Estimado Preceito das Luzes de Chanucá

Consta no *Ramban*, no início desta porção semanal: “Uma vez que as doze tribos fizeram um *corban* (uma oferenda na inauguração do *Mishcan*) e a tribo de Levi não fez um *corban* (Aharon ficou triste). Disse D’us a Moshê: ‘Fale com Aharon e lhe diga: há uma outra inauguração, na qual há acendimento de velas e na qual Eu farei a Israel milagres e maravilhas – é a inauguração dos Filhos da Dinastia dos *Chashmonaím* (que redimiram o Templo das mãos dos gregos, em *Chanucá*)’”.

Ao ver que todas as tribos traziam oferendas e honravam a D’us, sem que tomasse parte nisso, Aharon temeu que sua tribo não tivesse o mérito de poder fazê-lo. Respondeu-lhe o Eterno que, no futuro, haveria mais uma inauguração do altar, na qual os sacerdotes da Casa dos *Chashmonaím* agradeceriam a Ele por todos os milagres e pela salvação, que concedeu ao Povo de Israel, em *Chanucá*.

O assunto principal do acendimento das velas de *Chanucá* é a difusão do milagre. Assim escreve o *Rambam* (*Hilchot Chanucá*, capítulo 4, *halachá* 12):

“O preceito da luz de *Chanucá* é um preceito muito querido. É necessário que o indivíduo cuide dele, para divulgar o milagre, acrescentar louvor ao Criador e agradecimento a Ele, pelos milagres que nos fez. Mesmo que (o indivíduo) não tenha o que comer, a não ser por meio de caridade, deve tomar emprestado ou vender suas vestes para adquirir óleo e lamparinas e acendê-las”.

Não há nenhum outro preceito pelo qual se deva vender as roupas para que possa ser cum-

prido. Somente neste caso, pela divulgação do milagre e pelo agradecimento a D’us, ordenaram nossos sábios que o indivíduo aja diferentemente do que está acostumado e até mesmo chegue a se envergonhar com isso, pedindo caridade ou vendendo suas vestes. Aqui vemos a preciosidade deste mandamento e a enorme importância de lembrar do milagre.

Na continuação (*halachá* 13), escreve o *Rambam*: “Eis que se ele só possui uma moeda e tem que escolher entre o *kidush* (de *Shabat* à noite, pois é permitido recitá-lo sobre o pão) ou o acendimento das velas de *Chanucá*, deve preferir a compra do óleo e o acendimento da luz de *Chanucá* ao vinho para o *Kidush*. Isso, porque os dois foram instituídos pelos escribas e é melhor dar preferência à luz de *Chanucá*, na qual está implícita a lembrança do milagre”.

## “Seus Caminhos São Caminhos Agradáveis”

A preferência das luzes de *Chanucá* sobre o *Kidush* demonstra sua importância. No entanto, o *Rambam* traz, na continuação (*halachá* 14), que existem obrigações que as precedem:

“Se tem que escolher entre a vela de sua casa (para iluminar no *Shabat*) e a vela de *Chanucá*, ou entre a vela de sua casa e o *Kidush*, a vela de sua casa tem preferência, por causa da paz familiar. Eis que o Nome (Divino) é apagado (no caso de uma “*sotá*”) para que haja paz entre o marido e sua esposa. Grande é a paz, pois toda a *Torá* foi outorgada para que se faça a paz no mundo, conforme está escrito: ‘seus caminhos são caminhos agradáveis e todas suas trilhas são paz’”.

Quando analisamos a fonte desta lei, em *Massêchet Shabat* (23b), encontramos que é óbvio para a *Guemará* que a paz conjugal tem preferência. Assim consta: “Perguntou *Rava*: vela de *Chanucá* ou o *Kidush*, qual se deve fazer?” *Rava* não tem dúvidas, no entanto, quanto à preferência das velas de *Shabat*. Continua a *Guemará*: “é óbvio para mim que entre a vela de sua casa e a vela de *Chanucá*, a vela de sua casa tem preferência, por causa da harmonia no lar”.

Explica o *Rashi*: “em um lugar onde não há luz não há paz, pois se tropeça no escuro. ‘Foi abandonada, de paz, minha alma’

– refere-se ao acendimento da vela do *Shabat*, pois as pessoas sofrem por sentarem-se no escuro”. O *Bach* (*Rav* Yoel Sirkis) diz que a versão correta é “pois se come então no escuro”.

Pergunta o *Rav* Ben Tsiyon Bruk *zt”l* em seu livro, *Heg’yonê Mussar*: “Qual é o problema de comer no escuro? Que tristes consequências podem advir disso?”

O *Rav* Bruk explica isso baseando-se nas palavras da *Guemará* em *Masêchet Yomá* (74b), que pergunta sobre o versículo: “Que lhe deu de comer o *man* (maná) no deserto para te fazer sofrer” – que sofrimento há em comer o *man*?

Uma das idéias é que “não é igual quem possui pão em sua cesta e quem não possui pão em sua cesta. Explica o *Rashi*: “ele come hoje e se preocupa com o amanhã”. Ou seja, os Filhos de Israel viviam o tempo todo pela misericórdia Divina e temiam que de repente parasse de cair o *man*.

A segunda idéia é que “não é igual aquele que come e vê e aquele que come e não vê”. Explica o *Rashi* que aquele que comia o *man* sentia o sabor de tudo o que quisesse, mas via somente

o próprio *man*. Disse sobre isso Abayê, na *Guemará*: “portanto, aquele que tem uma refeição deve comê-la durante o dia” – pois de dia ele verá o alimento e poderá se satisfazer com ele.

Os Filhos de Israel comeram o *man* por quarenta anos, no deserto. Embora não lhes faltasse nada, a *Torá* considera o fato de comerem *man* como um sofrimento, por não poderem ver a comida palpavelmente, perante seus olhos – mesmo que podiam sentir o gosto do que desejassem.

O *Shabat* é um dia de deleite e alegria. Assim, nossos sábios decretaram que para haver um prazer pleno, é necessário que haja velas acesas (de véspera de *Shabat*) para que a pessoa não coma no escuro e assim possa ver o que foi preparado para que desfrute dos alimentos.

### A Torá Se Preocupa com o Bem-Estar do Povo de Israel

As velas de *Shabat* têm preferência sobre as de *Chanucá*, portanto, por causa da necessidade de manter a paz no lar. Logo, é necessário entender por que a lei não é diferente para quem é solteiro ou come sozinho, uma vez que o motivo acima trazido não se aplica nestes casos.

No *Heg’yonê Mussar* são trazidas as palavras do *Rambam* no *Sêfer Hamitsvot* (*Lô Taassê* 317), sobre a proibição de amaldiçoar até mesmo um surdo: “Talvez poderíamos pensar que o motivo de não poder amaldiçoar um membro de Israel se deve ao sofrimento e dor que o atingirão com isso. Logo, (diríamos) que quanto a um surdo, que não ouvirá e não sofrerá com isso, não haveria, nesse ato, um pecado”.

“Eis que nos avisa (a *Torá*) que isso constitui uma proibição, advertindo-nos quanto a ela. Isso porque a *Torá* não se preocupou apenas com o amaldiçoado, mas se preocupou também com aquele que amaldiçoa, por

si só, quando o advertiu para que não mova sua alma em direção à vingança e não se acostume a irritar-se”.

Das palavras do *Rambam*, aprendemos um grande fundamento para a compreensão das palavras da *Torá* e de seus mandamentos. Quando a *Torá* proibiu a briga entre alguém e seu semelhante ou de um marido e sua esposa, não o fez apenas para evitar sofrimento, dor, ofensa e vergonha àquele que é atingido; ela o fez também para salvar aquele que ataca.

Na prática, também aquele que fere, ofende ou amaldiçoa o outro é prejudicado. Isto se dá tanto pelo fato de ele estragar o caráter de sua alma, acostumando-se a atos desse tipo, quanto pelo remorso que certamente sentirá depois se acalmar.

O interesse da *Torá* é que todos se sintam bem e contentes durante suas vidas. Assim, é importante fortalecer a paz, para que as pessoas sintam-se bem umas com as outras e tenham o coração repleto de alegria e sentimento de plenitude.

Isso é tão importante aos olhos de D’us que Ele disse: “Meu Nome, que foi escrito com santidade, será apagado na água, para trazer paz entre o marido e sua esposa” (referente a um caso de *Sotá*). Aos olhos de D’us, é extremamente importante que cada um se sinta bem e tenha uma vida feliz e agradável.

Portanto, também aquele que come sozinho deve acender as velas de *Shabat*. A *Torá* se interessa por ele e quer que lhe seja agradável, que não coma no escuro e acabe se sentindo triste, tenso e infeliz.

Este é o motivo que a vela de *Shabat* precede a de *Chanucá* em todos os casos, embora a de *Chanucá* seja especial e inclua em si a divulgação do milagre e o agradecimento a D’us.

Do livro “A Fonte da Vida”

# No Caminho Para Casa



O Maguid de Jerusalém, Rav Shalom Shvadron zt”l, foi um dos maiores oradores da nossa geração. Possuidor de um dom singular para transmitir o doce sabor dos caminhos judaicos, reuniu inúmeras plateias durante dezenas de anos.



Seu vultoso repertório de histórias verídicas é composto por incontáveis pérolas do patrimônio judaico, motivo de inspiração e encorajamento. Leia, a seguir, uma das

## JÓIAS DO MAGUID

Muitas coisas que acontecem – em nossas vidas e no mundo de uma forma geral – parecem estar fora do nosso controle.

Às vezes estes acontecimentos parecem ocorrer de forma aleatória, sem qualquer preparação, previsão ou motivo aparente. Nesta história, recontada pelo senhor Daniel Sukinik, de Kew Gardens, Nova Iorque, chegamos a perceber, entre outras coisas, que eventos realmente acontecem em horas específicas. Quer notemos imediatamente ou não, existe um plano Divino

Shelomô *Hamêlech* escreve em *Cohêlet (3:1)* que todas as coisas têm o seu tempo apropriado. Citando exemplos de elementos contrastantes, ele nota que existe um tempo para falar e um tempo para ficar em silêncio; um tempo para amar e um tempo para odiar; tempo para a guerra e tempo para a paz. Essencialmente, cabe ao homem usar sua maturidade e inteligência para guiá-lo como e quando agir.

Para Gadi Biton, a beleza da vida se personificava em grandes passeios de motocicleta. Gadi vivia no Galil, na região centro norte de Israel. Sempre que ele conseguia algum tempo livre, saía pilotando sua moto pelas estradas tortuosas das magníficas montanhas da Galiléia. Ele conhecia cada lugar, cada palmo daquela região. Por aquelas bandas, era raro encontrar alguém que não conhecesse o trovejar de sua máquina de cromo.

Certa tarde, Gadi estava pilotando próximo a uma pequena cidade e decidiu virar à direita no cruzamento seguinte. De repente, assustou-se ao perceber uma pequena garota correndo no meio do caminho. Ele não teve como evitar o acidente. Atingiu a pobre garota, que voou para o outro lado da rua, de encontro a uma parede de tijolos, e caiu inconsciente.

Gadi breiou a moto, saltou afoito e, cercado pelos gritos histéricos da mãe da criança e de outros pedestres, rapidamente correu para perto da criança. Muitos dos presentes bradavam ordens ao mesmo tempo, enquanto a pequena garota continuava inconsciente. Depois de alguns longos e aflitivos minutos, uma ambulância apareceu no local. Como não havia nenhum hospital naquela pequena cidade, a ambulância correu com a mãe e a criança para um centro médico a alguns quilômetros dali.

No hospital, a pequena garota ficou em coma por alguns dias. Os pais da criança estavam incontavelmente

tristes. Gadi, por sua vez, mal estava trabalhando de tão perturbado. Ele sabia que não fora sua culpa, pois a menina tinha largado a mão da mãe e corrido para o meio da rua. Apesar disso, estava profundamente magoado pelo que tinha acontecido.

Assim, várias vezes ele repetia para quem quisesse ouvir que ele também fora vítima do terrível acidente. Ele não conseguia dormir de noite nem se concentrar de dia; não parava de pensar nas condições da pobre e inocente criança.

Certa tarde, a menina começou a despertar do coma. Primeiro reconheceu seus pais e depois, lentamente, sua memória voltou. Logo ela começou a andar e a raciocinar normalmente, como fazia antes. Finalmente, o médico anunciou que a pequena criança não sofreria nenhuma sequela permanente e que ela teria alta em breve.

No último dia em que a criança ficaria no hospital, Gadi foi visitá-la. Ao se aproximar do quarto, percebeu a mãe da criança sentada do lado de fora. Gadi se dirigiu a ela e começou a falar suavemente. Ele sabia que a senhora iria reconhecê-lo e, assim, foi direto ao assunto.

– Eu gostaria que a senhora soubesse – ele disse quase inaudivelmente – quão magoado eu me sinto em relação ao que aconteceu. Eu sei que não foi completamente minha falha, porque a garota correu para o meio da rua. Entretanto, estou me sentindo péssimo e gostaria de fazer algo pela senhora e

por sua filha. Não posso fazer muito, pois não sou uma pessoa rica. Mas o que a senhora pedir eu estou pronto a atender em seu benefício ou da criança.

A jovem mãe olhou para Gadi e disse tranqüila:

– Aquele dia que você estava passeando de moto era *Shabat*. Prometa-me que você nunca mais andará de moto no *Shabat*.

Gadi estava chocado. Ele nem notara que o acidente tinha acontecido num *Shabat* e, além do mais, o que isso tinha a ver com toda a história e com sua vontade de ajudar?

– É isso que a senhora quer de mim? – ele perguntou.

– Sim – a mãe respondeu. – Sua promessa significaria muito para mim e para minha filha!

Gadi acenou com a cabeça afirmativamente e se retirou. Ele saiu do hospital surpreso. De todas as coisas que ele imaginara que a mãe poderia lhe dizer, o pedido sobre o *Shabat* nunca lhe passara pela cabeça.

No *Shabat* seguinte, Gadi já ia pegar sua moto quando se lembrou da promessa. Então ele voltou para o seu prédio e bateu à primeira porta que tinha uma *mezuzá*.

Uma criança atendeu o visitante e convidou-o a entrar.

Logo que Gadi entrou, viu os membros de uma família sentados à mesa no meio da refeição de *Shabat*. Gadi se desculpou pela repentina intromissão e começou a explicar o motivo de sua visita.

Eu gostaria de saber... – disse hesitante. – Talvez alguém aqui saiba me explicar por que eu não posso andar de moto no *Shabat*?...

– O *Shabat* é um dia de descanso! – respondeu logo o chefe da família.

– Mas essa é a minha forma de descansar e relaxar! – Gadi protestou.

– Andar de moto pelas montanhas é tão excitante quanto calmante!

A conversa continuou amigavelmente por alguns momentos. Finalmente, o cavalheiro se levantou e disse para Gadi: – Olhe, eu não sou um homem muito estudado, mas sei que, nesta mesma rua, algumas quadras adiante, vive um rabino muito prestativo. Você deveria ir até lá! Ele poderia explicar tudo o que você quer saber sobre andar de moto no *Shabat*.

O conselho pareceu razoável e Gadi se dirigiu à casa do rabino. Quando o rabino abriu a porta, cumprimentou Gadi cordialmente e perguntou no que poderia ajudar. Gadi explicou que fora indicado por outra pessoa e que tinha algumas dúvidas que talvez pudessem ser esclarecidas. O rabino convidou Gadi para se juntar à refeição de *Shabat*. Durante a refeição eles conversaram sobre diversos assuntos.

Chegando o final da refeição o rabino não tinha advertido Gadi nenhuma vez. Simplesmente convidou-o a voltar novamente. Gadi começou a visitá-lo regularmente e, em pouco tempo, os dois já estavam estudando juntos duas vezes por semana.

Depois de alguns meses, entretanto, Gadi disse ao rabino que sairia de férias por algum tempo.

– Eu estou precisando de uma mudança – afirmou Gadi.

– E o que você está planejando? – o rabino perguntou.

– Nenhum lugar em particular; eu só quero viajar pelo país – Gadi respondeu.

– Ouça! – disse o rabino – Hoje é quinta-feira. Por que você não vai passar o *Shabat* em Jerusalém? Você poderia ficar em uma *yeshivá* chamada Or Sameach! É uma *yeshivá* especializada em atender pessoas com pouco conhecimento religioso. Se você passar o *Shabat* nesta *yeshivá*, poderá entender definitivamente por que você não pode andar de moto no *Shabat*! Eu posso arranjar tudo para você!

Gadi imaginou que poderia ser interessante e consentiu em ir.

No dia seguinte Gadi foi para a *yeshivá*. Ele não saiu de lá por duas semanas – todo o tempo que tinha de férias. Depois disso voltou direto para a sua cidade no Galil.

Alguns meses depois ele foi comunicar ao seu amigo rabino que tinha decidido partir da cidade. Aquelas duas semanas em Or Sameach lhe revelaram uma visão do mundo que ele nunca tivera. De agora em diante a força motora de sua vida seria o estudo da *Torá* e a observância das *mitsvot*.

Gadi se matriculou na *Yeshivá*, onde estudou com muito empenho. Ele ficou lá por alguns anos e tornou-se um *talmid chacham*. Isso mudou todo o curso de sua vida.

Nós não podemos entender por que D'us achou necessário que a pequena criança e sua família passassem pela angústia e pela dor que sofreram. Entretanto, algo parece óbvio: aquele incidente no *Shabat* à tarde foi o catalisador para que o jovem pegasse um caminho que ele nunca tinha percorrido – o caminho para casa!

“Crash Course in Yiddishkeit”, no livro “In the Footsteps of the Maggid” do Rabino Pessach J. Krohn.

Publicado com permissão da Mesorah Publications.

iofi

Sorvetes

Milk shakes

Panini

97721-1119  
R. S. Vicente de Paulo, 601

FOTOS MERAMENTE ILUSTRATIVAS

David Abadi e Família

Desejam muito sucesso material e espiritual para toda a kehilá.

KADUR by Optimist

Deseja sucesso para toda a Kehilá!

www.kadur.com.br

# Um Desafio

1

As duas principais cidades-estado da Grécia Antiga eram:

- a) Atenas e Tróia.
- b) Esparta e Atenas.
- c) Messênia e Esparta.
- d) Esparta e Tróia.

2

O pai do Alexandre, o Grande, era:

- a) Títus.
- b) Antíoco.
- c) Filipe da Macedônia.
- d) Nicanor.

3

O sábio e justo chefe da família Chashmonaí era:

- a) Shim'on Hatsadic.
- b) Rabi Tsadoc.
- c) Matityáhu.
- d) Rabi Yochanan ben Zacai.

4

A cidade onde começou a revolta chashmonaí foi:

- a) Modiín.
- b) Yerushaláyim.
- c) Massada.
- d) Betar.

5

A revolta judaica contra o Império Grego começou no ano de:

- a) 367 a.e.c.
- b) 167 a.e.c.
- c) 167 e.c.
- d) 367 e.c.

6

Quando o Rei Antíoco conquistou Jerusalém, decretou a proibição de cumprir as seguintes mitsvot:

- a) Shabat, cashrut e rosh chôdesh.
- b) Pureza do lar, berit milá e cashrut.
- c) Estudo da Torá, pureza do lar e berit milá.
- d) Shabat, rosh chôdesh e berit milá.

# À sua Sabedoria



Os judeus recapturaram o Templo Sagrado sob a liderança de:

- a) Matityáhu cohen gadol.
- b) Yehudá Hamacabi.
- c) Yochanan.
- d) Nenhuma das anteriores.



Chanucá:

- a) Quer dizer "candelabro" e é uma festa instituída pela Torá.
- b) Quer dizer "inauguração" e é uma festa instituída por nossos sábios.
- c) Quer dizer "vitória" e é uma festa instituída por nossos sábios.
- d) Quer dizer "descanso" e é uma festa instituída pela Torá.



Todos os dias acrescentamos uma vela extra às velas de Chanucá:

- a) O gabay.
- b) O shamash.
- c) O balash.
- d) O chazan.



As bênção do acendimento da chanukiyá devem ser pronunciadas:

- a) Imediatamente antes do acendimento da vela da noite.
- b) Imediatamente depois do acendimento da vela da noite.
- c) Durante o acendimento da vela da noite.
- d) Imediatamente antes do acendimento do shamash.



As luzes de Chanucá devem permanecer acesas pelo menos:

- a) Durante meia hora após o nascer do Sol.
- b) Durante meia hora após a aurora.
- c) Durante meia hora após o pôr-do-sol.
- d) Durante meia hora após o aparecimento das estrelas.



Na sexta-feira, as velas de Chanucá devem ser acesas:

- a) Antes das velas de Shabat.
- b) Depois das velas de Shabat.
- c) Simultaneamente com as velas de Shabat.
- d) Em vez das velas de Shabat.

Respostas: 1-B, 2-C, 3-C, 4-A, 5-B, 6-D, 7-B, 8-B, 9-B, 10-A, 11-D, 12-A.

# Os Jejuns de Tevet

Uma análise das tragédias que ocorreram nos dias 5, 8, 9 e 10 de tevet e o que aprendemos delas.

Rabino Elie Bahbout

Os dias do mês hebraico de *tevet* ficaram marcados na história do povo de Israel como dias trágicos.

O Profeta Zecharyá <sup>1</sup> afirma que no décimo mês (o mês de *tevet*, pois o número dos meses hebraicos é contado a partir de *nissan*), deve-se jejuar.

Consta no Tratado de *Rosh Hashaná* (18b) que, na opinião de *Rabi Shimon Bar Yochay*, o dia do jejum é cinco de *tevet*. Neste dia, os judeus que se encontravam na Babilônia ficaram sabendo da triste notícia de que os inimigos invadiram Jerusalém (alguns meses antes) e destruíram a cidade. No entanto, na opinião de *Rabi Akivá* (pela qual foi fixada a legislação judaica), o jejum ao qual se refere o Profeta Zecharyá é o do dia dez de *tevet*, pois neste dia o exército babilônico cercou as muralhas de Jerusalém.

Dizem nossos sábios em *Megilat Taanit*, que além do jejum do dia dez de *tevet*, que é obrigatório para todo o Povo Judeu, os “justos” costumam ainda jejuar nos dias oito e nove de *tevet*. O motivo do jejum do dia oito é que neste dia o Rei Talmay obrigou os sábios judeus a

traduzirem a *Torá* escrita para a língua grega <sup>2</sup>. Nossos sábios encaram este episódio como uma tragédia, pois a partir desta data a *Torá* se tornou acessível a qualquer povo, ficando sujeita a interpretações errôneas. Nossos sábios comparam a tristeza deste dia com o dia do pecado do bezerro de ouro <sup>3</sup>.

Quanto ao dia nove de *tevet*, o *Shulchan Aruch* determina <sup>4</sup> que não se sabe qual foi o evento trágico ocorrido neste dia. No entanto, o *Maguen Avraham* cita que na reza do jejum de dez de *tevet*, segundo o costume *ashkenazi* <sup>5</sup>, consta que no dia nove faleceu o Profeta Ezrá *Hassofer*. Ainda, nos livros *Halachot Guedolot* e *Orchot Chayim Melunil*, consta que no dia nove de *tevet* faleceram dois importantes Profetas: Ezrá e Nechemyá.

Pelo costume *sefaradi* <sup>6</sup> descreve-se que Ezra *Hassofer* faleceu em 10 de *tevet*. Sendo assim, pelo costume *sefaradi*, o motivo para o “jejum dos *tsadikim*” no dia nove continua um enigma.

A curiosidade aumenta levando em consideração as palavras do *Tsedá Ladêrech* <sup>7</sup>, de que nossos sábios propositalmente não quiseram

revelar qual foi o episódio ocorrido em nove de *tevet*.

A chave para este mistério, proposta por *Rabênu Avraham Bar Chiyá zt"l* no seu *Sêfer Haibur s*, é que neste dia nasceu uma pessoa que levou milhares de judeus a acreditarem que D'us se revelou em forma de um ser humano.

Segundo os cálculos, a noite de nove de *tevet* do ano 3761 do calendário hebraico é a noite de 24 de dezembro do ano 1 a.e.c., que na prática é o ano “zero” do calendário gregoriano. Embora naquela época o calendário judaico ainda não fosse fixo, e sim determinado pelo San'hedrin todo mês segundo a lua nova, as datas eram extremamente próximas ao calendário fixo, pois ambos são baseados na Lua. Neste contexto, podemos observar que no ano de 2020 do calendário gregoriano, o dia nove de *tevet* coincidirá com o dia 24 de dezembro. Fica claro, assim, por que nossos sábios mantiveram em sigilo o “jejum dos *tsadikim*” neste dia.

Com estes fatos esclarecidos, algumas questões curiosas podem ser levantadas:

1) Por que justo estas tragédias ocorreram no mesmo período?

2) Por que, segundo a opinião de *Rabi Shim'on Bar Yochay*, o dia em que

se ouviu sobre a invasão de Jerusalém é mais digno de jejum que o dia em que, na prática, começou o cerco à cidade?

3) Por que nossos sábios compararam o dia em que a *Torá* foi traduzida com o dia do pecado do bezerro de ouro?

Para compreendermos estas questões, devemos primeiramente pesquisar qual foi o pecado, cometido pelo povo judeu, que acarretou o cerco a Jerusalém.

Examinando os versículos em *Yirmeyá 9*, percebemos que um dos principais motivos que levou ao cerco de Jerusalém foi a profanação do *Shabat*. O *Chatam Sofer zt"l* em suas *derashot* também aponta a profanação do *Shabat* como sendo a causa do cerco a Jerusalém.

Tendo como base esta colocação, o *Chatam Sofer* explica que é possível entender melhor as palavras do *Rabênu David Abudarham zt"l*. Ele determina que, se dez de *tevet* caísse num *Shabat*, deveríamos jejuar no próprio dia do *Shabat*, e não adiar para o domingo.

Em todos os outros jejuans, com exceção de *Yom Kipur*, adiamos o jejum para o domingo. Conforme o *Rabênu David Abudarham*, sendo que a profanação do *Shabat* foi que causou a

tragédia do cerco de Jerusalém, deveríamos jejuar em dez de *tevet* mesmo no *Shabat*.

Sobre isso, o Rabino *Yechezkel Meotrovska zt"l* <sup>10</sup> acrescenta, ainda, que o próprio Rei da Babilônia (*Nevuchadnetsar*) temeu levar seus exércitos para sitiarem Jerusalém. Somente quando escutou que os judeus profanavam o *Shabat*, sentiu-se seguro em executar um cerco à Cidade Santa.

Entretanto, sendo o sítio a Jerusalém o começo do processo de destruição da cidade, deveríamos apontar os pecados de idolatria, assassinato e impudor como os causadores do cerco. Nossos sábios <sup>11</sup> determinam que estes foram os três principais motivos que levaram à destruição de Jerusalém. Embora conste <sup>12</sup> que a profanação do *Shabat* também causou a destruição, este não foi o motivo principal. Aparentemente, esta colocação contradiz o proposto inicialmente. A conclusão a ser tirada é que o Povo Judeu era merecedor da destruição de Jerusalém devido à idolatria, assassinato e impudor, porém o Misericordioso, bendito seja, não colocou em prática esta punição até que os judeus pecaram profanando o *Shabat*.

Em uma análise mais profunda, a diferença entre a vida do Povo de Israel na Terra Santa, durante a exis-

“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil'am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil'am.”

Ética dos Pais 5:23

# KALIMO

Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos.

tência do *Bêt Hamicdash*, e a vida na diáspora não é uma simples diferença de posição geográfica. Do ponto de vista espiritual, estas duas eras possuem características completamente diferentes. Quando o *Bêt Hamicdash* existia, o Povo Judeu percebia e sentia a existência de D'us da mesma forma que nós percebemos a existência de nossas famílias e vizinhos. No *Bêt Hamicdash* ocorriam constantemente dez milagres, que todo o povo testemunhava com os próprios olhos pelo menos três vezes ao ano. Todos tinham como obrigação visitar o *Bêt Hamicdash* em *Pêssach*, *Shavuot* e *Sucot*.

Naquela época, D'us também se comunicava explicitamente com o Povo Judeu por intermédio dos profetas. Eles eram homens que se impunham como profetas verdadeiros por meio de previsões incontestáveis.

Também era possível consultar o Todo-Poderoso por meio dos "*Urim Vetumim*", que forneciam respostas evidentemente milagrosas.

A honra do Reinado Divino neste mundo estava no seu apogeu. Todas as decisões relativas ao povo estavam nas mãos do *San'hedrin* – uma instituição com os 71 maiores eruditos de *Torá* da geração. Todo o Povo Judeu escutava e cumpria com respeito e apreciação as orientações dos sábios.

Em suma, aquela época foi se-

melhante à futura era messiânica, quando todos os judeus claramente "viverão" a existência Divina – terão proveito da proximidade espiritual do Criador. Toda a humanidade respeitará e reconhecerá o Reinado Divino.

Para viver em uma era tão maravilhosa, é necessário que o Povo de Israel esteja no nível espiritual próprio a tal vida sobrenatural. Se o povo erra tão gravemente, cometendo idolatria, assassinato e impudor, distancia-se da espiritualidade. Assim, obviamente não fica apto ou compatível com o modo de vida milagroso. Neste nível mais baixo, o povo é merecedor do "exílio" – um modo de vida material no qual D'us se oculta atrás das máscaras da natureza. Entretanto, enquanto os judeus cumpriam o *Shabat*, ainda se ligavam com a "vida metafísica", pois no *Shabat* o judeu se desliga de todas as suas tarefas mundanas e dedica-se somente ao estudo de *Torá* e ao cumprimento das *mitsvot*.

Dizem nossos sábios<sup>13</sup> que o *Shabat* é "*meên olam habá*", ou seja, tem certa semelhança com o modo de vida da era messiânica. Sendo assim, mesmo tendo cometido pecados gravíssimos, eles ainda tinham um "cordão umbilical" que os ligava ao modo de vida da era do apogeu espiritual. Por isto, D'us, em sua grande misericórdia, poupou temporariamente a destruição

do Templo e o começo da era do exílio. Quando os judeus cortaram esta ligação, passando a profanar o *Shabat*, perderam todo mérito de usufruírem das maravilhas do mundo sobrenatural – e D'us decretou a destruição de Jerusalém e do *Bêt Hamicdash*.

Quando os exércitos babilônicos cercaram Jerusalém, a tragédia não foi propriamente o cerco, mas sim o significado espiritual contido por trás do fato: os judeus não mais eram merecedores da vida de milagres e de proximidade a D'us.

Nossos sábios revelam no *Midrash Tanchumá*<sup>14</sup> que em dez de *tevet* os judeus já mereciam o exílio. No entanto, D'us executou o exílio somente no verão (em *Tish'á Beav*), pois se os judeus fossem aprisionados e tirados de Israel no inverno (em dez de *tevet*), muitos faleceriam devido ao frio.

O jejum de dez de *tevet* não é devido à ocorrência física do cerco a Jerusalém, pois no dia do cerco os judeus não foram afetados. O jejum é realizado pela terrível descoberta de que o nível espiritual judaico não era mais compatível com o modo de vida messiânico.

Entendemos agora por que *Rabi Shim'on Bar Yochay* sustenta que o dia cinco de *tevet* é mais próprio para



**Uma Mishná Por Dia**

Mais de 1400 áudios publicados

Accesse o site [ahelmoshe.com.br](http://ahelmoshe.com.br) ou baixe o app Android

por R. Daniel Faour

jejuar do que o dia dez. No dia dez, somente os judeus que moravam na terra de Israel descobriram a verdade dolorosa de sua nova posição espiritual e o fim da era sobrenatural. Mas em cinco de *tevet* do ano seguinte, esta notícia se tornou conhecida por todo o povo.

O dia oito de *tevet*, quando a *Torá* foi traduzida para o grego, tem o mesmo sentido dos dias cinco e dez. Até então, outros povos não tinham acesso à *Torá* escrita. Mas eles sabiam dar o valor devido à *Torá*, pois percebiam quão sábios e especiais são os estudiosos da *Torá*. Conforme consta em *Devarim* (4:6): “Pois ela (a *Torá*) é vossa sabedoria e inteligência aos olhos dos povos”. Isto fazia os demais povos respeitarem a religião judaica, representando uma honra mundial ao Reinado Divino – ou seja, um pouco do “gosto” da era messiânica.

Quando a *Torá* escrita foi traduzida, os outros povos tiveram a oportunidade de estudá-la. Mas fizeram-no sem a explicação e análise profunda da *Torá* Oral. Assim, depararam-se com o que pareciam ser “simples historinhas”. Nestas histórias, sem o significado profundo transmitido pela *Torá* Oral, D’us pode ser interpretado como um ser limitado. Com isto, a honra Divina neste mundo foi gravemente afetada – o que é um dos clássicos sintomas do exílio, quando D’us se oculta e percebemos somente a existência da “natureza”. Sem dúvida, isto é um motivo suficiente para, pelo menos, os “justos” jejuarem, assim como em dez de *tevet* jejuamos pela perda da era da glória Divina.

Podemos compreender agora por que nossos sábios comparam o dia da tradução da *Torá* com o dia do pecado do bezerro de ouro. O bezerro não foi uma idolatria comum a “outro deus”, mas um problema muito maior. Os

judeus anunciaram <sup>15</sup>: “Este é vosso deus, Israel, que vos tirou da terra do Egito”. Ou seja, o D’us verdadeiro que os judeus conheciam até então, que realizou todos os grandes milagres no Egito e que os tirou da escravidão, neste instante foi considerado pelos pecadores como se fosse um simples bezerro de ouro, fabricado por mãos humanas. Toda a honra de D’us revelada com o Êxodo do Egito – que é comparado <sup>16</sup> com a era messiânica – obscureceu-se com este evento.

Assim também, os episódios de nove de *tevet* seguem a mesma linha das demais tragédias de *tevet*. Segundo o *Halachot Guedolot*, que afirma que em nove de *tevet* faleceram Ezra *Hassofer* e Nechemiá, esta data representa o final da era das profecias. Estes dois profetas foram praticamente os últimos da história judaica, levando em consideração que o profeta Mal’achi é o profeta Ezrá <sup>17</sup>. A partir desta data, D’us deixou de comunicar-se de forma explícita com o seu povo. Passou a fazê-lo somente por meio de “*rúach hacôdesh*”, que é um nível muito mais baixo de profecia. Este é um dos mais dolorosos sinais do estilo de vida do exílio, quando D’us se oculta e não é mais percebido de forma clara.

O fato citado por *Rabênu Avraham Ben Chiyá*, de que no dia nove de *tevet* surgiu a semente que mais tarde levou aos tristes frutos da perda espiritual de milhares de judeus, representa também a mesma idéia contida nos demais episódios. Alguns judeus passaram a pensar que o D’us abstrato de seus antepassados revelou-se em simples “carne e osso”, algo muito semelhante ao ocorrido no pecado do bezerro de ouro.

Por todos estes fatos, nos dias de *tevet* devemos procurar reforçar-nos em *Torá* e *mitsvot*, principalmente no

cumprimento do *Shabat*. Assim, sere-mos mais aptos e compatíveis com o modo de vida da era messiânica e teremos méritos para tomar parte dela.

Neste contexto, nossos sábios afirmaram <sup>18</sup> que se todo o povo judeu guardasse a santidade de dois *Shabatot* seguidos, isto já seria suficiente para dar início a época messiânica. Que assim seja em breve, *amen sela!*

## Referências Bibliográficas

1. cap. 8.
2. Vide Tratado de *Meguilá* 9a.
3. Tratado *Soferim* 1, 7.
4. *Ôrach Chayim*, *siman* 580.
5. Compilada por *Rabênu Yossef Tov Alem zt”l*.
6. Compilada por *Rabênu Yechiel Mundolfo zt”l*.
7. *Maamar* 5 - *kelal* 1, cap. 8.
8. Pág. 109.
9. Cap. 17, versículos 19 a 27.
10. No seu livro *Codshê Yisrael*.
11. No Tratado de *Yomá* 9b.
12. Tratado de *Shabat* 119b.
13. Tratado de *Berachot* 27b.
14. *Parashat Tazria*, 9.
15. *Bamidbar* 32:4.
16. *Michá* 7:16.
17. *Meguilá* 16a.
18. Tratado de *Shabat* 118b.

# O Sentido das Orações

Rabino I. Dichi

No final de *Parashat Vayerá* a *Torá* nos conta sobre a *Akedat Yitschac* – o sacrifício que D’us pediu a Avraham para fazer com seu filho Yitschac. Conforme a maioria dos comentaristas, este foi o décimo teste que o Todo-Poderoso fez com Avraham. De acordo com o *Rabênu Yoná* foi o nono teste. Depois de tanto rezar para o Criador que lhe desse um filho, com 100 anos de idade ele foi atendido, e agora (com 137 anos), teria de sacrificá-lo. É evidente que esta não era a intenção do Todo-Poderoso. Definitivamente esta não é a linha da *Torá*. Este pedido tinha como objetivo observar até onde ia a boa vontade de Avraham e a sua fé no Criador.

Todos os testes que o Todo-Poderoso faz com as pessoas é com o intuito de poder recompensá-las quando se saírem bem nestas situações. Vemos então que a prática das *mitsvot* é algo importantíssimo nos conceitos judaicos. Somente com boas intenções e sendo um “*tsadik* na teoria”, um bom “judeu de coração”, não conseguimos alcançar os altos níveis espirituais alcançados com os atos na prática.

Na ocasião deste teste que *Hashem* fez com Avraham, Yitschac tinha 37 anos, sabia perfeitamente o que estava acontecendo e mesmo assim foi com os mesmos propósitos do pai cumprir a ordem de D’us, conforme consta (*Bereshit* 22:8): “*Vayelechu shenehem yachdav*” – e foram os dois juntos – ou seja, com o mesmo propósito.

O lugar do sacrifício de Yitschac (o Monte Moriá) fica atrás do *Côtel Hamaaravi* (o Muro das Lamentações) em *Yerushaláyim*. Este lugar é chamado de *Har Habáyit* e é um lugar proibido aos judeus entrarem, por ser o lugar sagrado onde estava construído o grande Templo.

Depois do suposto sacrifício – que não foi realizado quando D’us explicou a Avraham suas verdadeiras intenções – a *Torá* relata que Avraham voltou (*Bereshit* 22:19): *Vayáshov Avraham el nearav*. Entretanto, não consta que Yitschac voltou junto. Para onde foi então Yitschac?

Uma primeira interpretação nos diz que, na ocasião do sacrifício, Yitschac foi ferido levemente em seus lábios e depois disso foi recuperar-se no Gan Êden.

Outra interpretação diz que, quando Avraham viu que seu filho saiu ileso, resolveu mandá-lo estudar *Torá* no *Bêt Hamidrash* de Shem (o filho mais novo de Noach) e Êver (vide *Yonatan ben Uziel, Bereshit* 22:19).

Uma terceira interpretação diz que Avraham escondeu Yitschac por recear o *áyin hará* (o mau olhado), uma vez que se imaginava que Yitschac não voltaria (vide *Dáat Zekenim Mibaalê Hatsofot, Bereshit* 22:19).

Terminada a *Akedá* nasceu Rivcá, que seria futuramente a esposa de Yitschac.

Após o casamento de Yitschac, observamos uma passagem interessante na *Torá* e muito importante. A *Torá* relata que Rivcá era estéril, não

podia ter filhos (Bereshit 25:21): *“Vayetar Yitschac Lashem lenôchach ishtô ki acará hi – E orou Yitschac ao Eterno na presença de sua mulher porque era estéril.* Sabendo que sua mulher era estéril, Yitschac rezou para que o Todo-Poderoso lhe mandasse um filho.

Sobre a palavra *“vayetar”*, Rashi comenta que Yitschac *“insistiu”* em suas orações. Não está escrito que simplesmente ele rezou, mas sim que insistiu em suas preces. Analisemos este fato: O Todo-Poderoso havia prometido a Avraham *Avínu* que Yitschac constituiria sua descendência. Se Yitschac não tivesse filhos, esta promessa de nada valeria. Todos os comentaristas que abordam este assunto aprofundam-se e dizem que Rivcá ficou estéril para que Yitschac rezasse.

D’us não precisa de nossas orações. Quando rezamos, isto causa um bem para nós e não para D’us. Entretanto, nossos sábios dizem que *“Hacadosh Baruch Hu mit’avê litfilatam shel tsadikim”* – *O Todo-Poderoso gosta de ouvir as orações das pessoas justas.*

O sentido da oração é que a pessoa possa sentir que depende de alguém. Não se pode dizer a um filho que não sinta dependência de seus pais. Caso quiséssemos educar nossos filhos segundo uma moderna concepção de educação, na qual os filhos seriam criados sem possuir um sentimento de depen-

dência pelos pais, não conseguiríamos nada. D’us criou a pessoa naturalmente dependente de seus pais. Seria o mesmo que dizer a uma mulher para ser o *“homem”* da casa. Isto seria contra a natureza da mulher. Na primeira *parashá* da *Torá* está relatado sobre a criação de Adam e Chavá. Lá consta com que temperamentos, com que formas e natureza foram criados. É evidente que estes parâmetros de Adam eram uma linha para todos os homens que futuramente viriam ao mundo, e o mesmo em relação a Chavá. Se tentássemos mudar esta natureza, estaríamos simplesmente pedindo à mulher que deixasse de ser mulher. Nossos sábios definem a mulher como o *“mundo dos sentimentos”* – *olam harêgush*. É muito mais fácil a mulher chorar do que o homem; não que seja feio, mas por ser parte da natureza da mulher. Não podemos agir contra a natureza instituída pelo Criador. Portanto, não podemos querer que um filho pequeno não se sinta dependente dos pais.

Sem dúvidas somos dependentes de D’us. A reza faz com que nos convençamos de que dependemos de alguém. A oração nos educa sobre o fato de que não conseguimos as coisas sem que o Todo-Poderoso nos dê – da mesma forma que existem coisas que o filho não consegue sem que o pai as dê. A criança sabe que depende do pai e a ele pede o que necessita. O pai não

ganha nada pelo fato de o filho depender dele. O benefício é inteiramente do filho, que se sente seguro sabendo que depende de alguém e pode apoiar-se nele. A oração é uma auto-educação de sentirmos que dependemos de D’us. O benefício é inteiramente de quem reza, que se comunica com D’us, e passa a sentir sua dependência.

*Rabênu Bachyê* (Parashat Toledot, 25:21), comentarista da *Torá*, diz que o poder da oração é tal a ponto de conseguir mudar a natureza. D’us criou o mundo e instituiu certas normas a respeito de seu funcionamento, como o próprio nascer do Sol por exemplo. Estas normas chamam-se *“teva”* – natureza. Sabemos que a palavra *“hateva”* (a natureza) e *Elokim* (um dos nomes de D’us) possuem o mesmo valor numérico de 86 somando-se suas letras. Esta correspondência vem nos ensinar que não existe natureza sem o Todo-Poderoso. Não há condições de separar estes conceitos, pois quem instituiu a natureza e a comanda é Ele. A natureza funciona por uma ordem Divina.

A oração tem uma força gigantesca, e apesar de ter sido instituído que o mundo funcionaria segundo certas normas (a natureza), a oração consegue alterá-la. A natureza de Rivcá era ser estéril e foi mudada pela oração.

Muitas de nossas atitudes são espontâneas. Muitas pessoas sabem re-

**HM**  
Hecho por Mi  
Costura - Crochê

**Kissuim  
Imperdíveis!**

Garanta  
já os  
seus!

Telefone: 94168-5077

zar e conhecem a importância da *tefilá*. Apesar disso nunca rezam. Quando se vêem em uma situação difícil, depois de esgotados todos os recursos, acabam em uma sinagoga rezando para que o Criador os ajude. O íntimo da pessoa acaba revelando seu verdadeiro ser. Até então não rezava por uma série de empecilhos, entretanto, agora demonstra o que possui de mais profundo e faz bom uso de seu livre arbítrio, reconhecendo a dependência existente entre os homens e seu Criador.

Consta na *Torá* que os dois (Yitschac e Rivcá) rezaram, e que Yitschac foi atendido (*"vayeáter lo" – e atendeu a ele*). Rashi diz que ele foi atendido (e não ela) porque não é igual a oração de um justo filho de um justo (Yitschac filho de Avraham) e a oração de um justo cujo pai não era *tsadic* (Rivcá era filha do perverso Betuel). As orações também têm diferentes níveis.

Tanto Rivcá quanto Sará (mulher de Avraham) e Rachel (mulher de Yaacov) eram estéreis. Todas elas deram origem ao Povo de Israel. Deram início a um trabalho de formação do Povo, porém eram descendentes de pessoas que não tinham nada a ver com isso. O pai de Avraham era idólatra, o pai de Rivcá era uma pessoa extremamente negativa. Se não fossem estéreis, os filhos teriam uma ligação com a herança natural proveniente dos pais. Como a possibilidade de reproduzir não foi recebida dos pais (eram estéreis), a partir do momento que passaram a ser esposas de nossos patriarcas, sem trazer naturalmente esta herança, começou algo de novo. A ascendência é algo muito importante nos conceitos judaicos e exerce grande influência nas pessoas, sempre existindo entretanto a possibilidade de mudanças por parte dos descendentes (por seu livre arbítrio). O maior segredo

da mudança de uma pessoa é procurar as boas virtudes, procurar abandonar seus vícios. Trabalhar seu interior em busca das qualidades que um ser humano deve possuir.

Sem dúvidas, todas as pessoas têm o potencial para serem atendidos pelo Criador em suas preces, uma vez que as boas decisões para o futuro podem anular eventuais faltas do passado.

A capacidade de a oração alcançar "esferas espirituais" elevadas depende de vários fatores. Depende de quem a está recitando e de seus antepassados. Acima de tudo depende das intenções da pessoa ao recitá-la – de o que passa em seu íntimo ao proferir tais palavras – mas sem dúvidas também depende muito do conteúdo do texto recitado, da conduta ao recitá-lo e de sua correta pronúncia.

Do livro "Vaani Tefilá"

# Daf Hayomi

**Daf Hayomi >> NEDARIM**

**Nedarim 14**

Fechar

NEDARIM	
Nedarim 2 - 26/mar/15	31m52s
Nedarim 3 - 27/mar/15	28m48s
Nedarim 4 - 28/mar/15	41m52s
Nedarim 5 - 29/mar/15	25m26s
Nedarim 6 - 30/mar/15	11m18s
Nedarim 7 - 31/mar/15	23m23s
Nedarim 8 - 01/abr/15	28m19s
Nedarim 9 - 02/abr/15	30m42s
Nedarim 10 - 03/abr/15	23m20s
Nedarim 11 - 04/abr/15	34m48s
Nedarim 12 - 05/abr/15	43m52s
Nedarim 13 - 06/abr/15	1 km 10s

Próxima

Clique e arraste

רשי ואלו מותרין פרק שני נדרים ר"ה

אם רבי יצחק אומר... (text continues)

**Acompanhe as aulas diárias de Guemará no Portal Judaico Brasileiro**

[www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)

**Aulas de TODAS as páginas publicadas!**

www.revistanascente.com.br

# Pirkê Avot

## Capítulo I, Mishná V

A Guemará nos diz que uma pessoa que quer ser “chassid” – bondoso – que está um degrau acima do “tsadic” – justo – deve cumprir tudo o que está escrito na “Ética dos Pais”. Assim, esta seção traz, de forma simples, a sabedoria da Mishá por meio dos maravilhosos conselhos do “Pirkê Avot”.

Rabino Ari Friedman

*Yossi ben Yochanan ish Yerushaláyim omer yehi vetechá patúach lirvachá veyihyu aniyim benê vetecha veal tarbê sichá im haishá, beishtô ameru cal vachômer beêshet chaverô; mican ameru chachamim, col zeman sheadam marbê sichá im haishá gorem raá leatsmô uvotel midivrê Torá vessofô yoresh Guehinam.*

*“Yossi ben Yochanan, da cidade de Jerusalém, disse: Que sua casa esteja plenamente aberta; sejam os carentes parte de sua própria família; e não converse excessivamente com a mulher. Isto foi dito em relação à sua própria mulher, quanto mais sobre a mulher dos outros. Baseados nisto, nossos sábios disseram: Todo aquele que conversa excessivamente com mulheres faz mal a si próprio, desperdiça seu tempo de estudo de Torá e está fadado a um lugar no Guehinam (inferno).”*

**“Não converse excessivamente com a mulher”**

Qual a conexão entre o começo da *mishná* – “Que sua casa esteja plenamente abert-

ta” e o seu final – “Não converse excessivamente com a mulher”?

O *Chassid Yaavets* explica que o começo da *mishná* não está nos dizendo somente para dar *tsedacá* aos pobres, mas sim para recebê-los em casa. Ou seja, consolá-los, conversar com eles, dar-lhes apoio moral.

A *Guemará* (Ketubot 111b) ensina que quem dá dinheiro a um pobre recebe seis bênçãos. Quem o consola, por sua vez, recebe onze. Aprendemos desta *guemará* que ajudar um pobre financeiramente é importante, mas ajudá-lo moralmente é ainda mais. Esse é o sentido da expressão “que sua casa esteja plenamente aberta”: que recebamos o carente em casa e o tratemos como se fosse alguém de nossa família.

Por que o fato de consolar uma pessoa carente está num nível mais alto do que dar-lhe dinheiro? Quem dá dinheiro também está ajudando o pobre! Quando escolhemos um médico, é melhor aquele que cura “interiormente” do que o que cura a doença “exteriormente”. Quando a cura é exterior, somente nos sintomas, a doença acaba voltando. No entanto,

quando é interior, atacando as causas da doença, a pessoa se cura de forma definitiva. Acontece o mesmo com a *mitsvá* de ajudar o próximo. Aquele que dá dinheiro está ajudando “exteriormente”, o que é bom, pois ao menos resolve o problema enquanto o dinheiro não acabar. Entretanto, aquele que apóia e consola, ajudando “interiormente”, está curando o pobre totalmente e para sempre, no sentido de lhe dar forças para enfrentar e superar o teste da pobreza! E este é um ato muito grande.

Todo esse comentário é do *Chassid Yaavets*, e ele continua explicando: Existe uma exceção nesta recomendação – quando a pessoa carente for uma mulher. Neste caso não converse tanto com ela. É claro que devemos tentar consolá-la, mas sem prolongar a conversa e passar do devido. Esta é a conexão entre estas duas frases da *Mishná*.

Há uma outra explicação para a ligação entre as duas partes da *Mishná*.

Existem pessoas que aceitam visitas em casa, o que é uma boa ação muito importante, mas não as procuram. Se lhes pedirem, elas recebem as visitas, mas não saem à procura de convidados.

Por isso a *Mishná* nos ensina que a porta de nossa casa deve estar sempre aberta a todos, para mostrar que estamos procurando visitas. Para que todos entendam que, se quiserem, podem entrar à vontade.

Mas “deixar a casa aberta” não é a *mitsvá* em si. É um meio para chegarmos a cumprir a *mitsvá* de receber visitas. Devemos deixar a porta aberta e, por meio disto, receberemos pessoas. É como um in-

centivo que nossos sábios ensinaram para chegarmos à *mitsvá*.

Com relação a falar com mulheres – a continuação da *Mishná* – nossos sábios também indicam um incentivo, porém na direção contrária: uma “cerca” para não chegarmos ao pecado. Não devemos conversar excessivamente com uma mulher. O motivo disso é para não chegarmos a fazer algo mais grave.

Vemos, então, dois incentivos estipulados por nossos sábios: um para chegarmos a fazer a *mitsvá* e o outro para não chegarmos a fazer um pecado. Esta é a ligação entre as duas partes: ambas contêm incentivos a nós.

Analisemos a continuação desta *Mishná*, que parece tão polêmica:

A *Mishná* diz: “Não converse excessivamente com a mulher”. O Rabino Ovadyá de Bartenura explica que a *Mishná* se refere à sua própria esposa. Quanto mais a mulher do próximo! No entanto, isso exige uma explicação: Não devemos falar nem com nossa própria esposa?

Os comentaristas do *Pirkê Avot* explicam que as mulheres, de forma geral, são mais sentimentais e menos lógicas do que os homens. O homem se dirige na vida mais pelo lado racional. A mulher, mais pelo lado emocional. Conhecemos histórias nas quais o marido contou para sua mulher algum episódio que ocorrera com alguém, e a mulher, em vez de agir com lógica, ficou furiosa e exaltada e logo foi procurar briga e tirar satisfações.

Na própria *Torá* vemos isto. No episódio da rebelião de Cômach contra Moshê, a esposa de Cômach influenciou seu marido negativamen-

te. Quando Cômach contou-lhe algo que Moshê fizera, ela ficou revoltada e incentivou-o a rebelar-se contra Moshê.

Por isso, a *Mishná* nos recomenda tomarmos cuidado com o que contamos às nossas esposas. Não devemos contar-lhes todos os problemas que temos. Devido à preponderância do lado emocional nas mulheres, existe a possibilidade de ela encarar o problema pelo lado pessoal e sua solução ficará muito mais difícil, talvez até criando novos problemas.

Existe, porém, uma explicação mais simples. Quem estuda *Torá* Escrita e Oral chega a uma conclusão bem clara: falar muito, em geral, não é bom. Quanto menos a pessoa falar, melhor. Em nossos dias, aquele que não conversa ou fala muito parece ser um sujeito meio estranho. Mas, de fato, quem está agindo certo é este indivíduo. Devemos tentar falar o mínimo possível. Em um carro, por exemplo, parece até falta de educação a pessoa ficar quieta. Entretanto, devemos saber que podemos sim ficar quietos. Não há nada de errado nisso.

O *Pirkê Avot* cita adiante neste capítulo (*Mishná* 17): “Não encontrei algo melhor para o corpo do que o silêncio”. E no terceiro capítulo também (*Mishná* 13): “O caminho para a sabedoria é o silêncio”. O silêncio é uma grande qualidade.

Conta-se sobre um grande *tsadik* que ficava muito tempo quieto. Até que, quando se cansava, falava um pouco e logo, novamente, voltava ao silêncio.

O motivo é que, toda vez que a pessoa fala, corre o risco de falar coisas proibidas, como *lashon hará*

(maledicência), mentiras, palavras de baixo calão, etc. Ao falar muito, aumentam as probabilidades de cair em falas proibidas. Portanto, é “saudável” que a pessoa diminua em sua fala.

Certamente não podemos chegar ao extremo de não conversar mais. O melhor caminho é o do meio. Não ficar quieto demais, mas sim falar menos!

Agora podemos compreender o sentido da *Mishná*. Com quem conversamos mais em nosso dia-a-dia? Com nossa família, nossa esposa. E mesmo com ela, devemos tomar cuidado com o que falamos, pois podemos chegar a falar *lashon hará*, mentiras ou outras coisas proibidas. Devemos sempre pensar muito bem antes de tirar qualquer palavra da boca. Talvez o que estamos prestes a dizer não deva ser dito.

Sendo assim, é claro que podemos conversar com nossa esposa, mas devemos tomar muito cuidado para não falarmos demais.

A *Guemará* (Chaguigá 5b) traz um versículo no qual consta que, após os 120 anos, prestaremos contas perante D’us mesmo sobre as conversas entre marido e esposa. Seu significado simples é o que foi dito acima, que não devemos conversar demais para não acabar falando imprópriamente. Entretanto, os comentaristas do *Pirkê Avot* dizem que existe um outro significado. O que será julgado no Tribunal Celestial é como falamos com nossa esposa: se nos dirigimos a ela com respeito ou não, o nível da conversa, etc. Aprendemos, então, quão importante é o modo como conversamos com nossa mulher e o que falamos com ela.

Conta-se sobre o Rabino Shlomo Zalman Auerbach *zt”l* (Israel, 1910–1995) que ele respeitava muito sua esposa. A tal ponto que, quando ela faleceu, em seu velório ele disse: “O costume é que no velório da esposa, o marido lhe pede desculpas. Mas você sabe que eu não tenho do que lhe pedir desculpas.”

Alguém desavisado pensaria que é uma falta de respeito e de humildade falar dessa maneira. Porém, quem conheceu este grande rabino, sabe que entre suas muitas e excelentes qualidades estavam a humildade e o respeito aos demais. Após mais de cinquenta anos juntos, o Rabino Shlomo Zalman Auerbach *zt”l*, por mais espantoso que pareça, pôde dizer com certeza que não havia feito nada de errado à sua esposa! Podemos imaginar, então, o quanto ele a respeitava e tratava bem!

A continuação da *Mishná* traz três consequências para quem conversa muito com mulheres:

#### “Faz mal a si próprio”

A *Guemará* (Chaguigá 16a) diz que a expressão “mal” se refere ao *Yêtser Hará* (nossa má inclinação). *Rabênu Yoná* explica que o *Yêtser Hará* aparece de duas formas. A primeira é quando a pessoa está em sua rotina normal. Quando está estudando *Torá* ou trabalhando, por exemplo. O *Yêtser Hará* atíça-o sem que tenha feito nada de errado. O outro modo é quando a pessoa “chama” o *Yêtser Hará*, por meio de algo errado que tenha feito. Esta *Mishná* afirma que quando o homem conversa com outras mulheres (não a sua esposa) ele “chama” o mal, o *Yêtser Hará*, sobre si. Por meio do “bate papo” ele “convida” o *Yêtser Hará* e dá espaço para ele

controlar o “ambiente”, podendo chegar a um dos pecados mais graves da *Torá*!

#### “Desperdiça seu tempo de estudo da *Torá*”

A explicação simples para isso é a seguinte: como sabemos, a *mitsvá* mais importante da *Torá* é o seu estudo. Quando a pessoa fica conversando, está perdendo tempo de estudar *Torá*, o que por si só não é algo bom.

*Rabênu Yoná* explica algo mais. Ele diz que, ao ficar de conversa com as mulheres, a cabeça do homem “desloca-se” da *Torá*! Não é possível o estudo de *Torá* “entrar”, enquanto o coração está pensando em mulheres.

Não há espaço para as duas coisas no coração do homem! Este é um motivo pelo qual muitos reclamam que não conseguem estudar *Torá*.

A *Guemará* (Ketubot 13b e Chulin 11b) diz que “Não existe *apotropus* (pessoa imune ao pecado) em relação ao pecado de relacionamentos ilícitos” – com relação à mulher, o homem não pode confiar que é forte e não pecará. É da natureza humana haver atração e o *Yêtser Hará* é muito forte. Por isso, precisamos fazer “cercas” para ficar longe do pecado: não devemos nem começar com conversas com qualquer mulher que não seja a nossa esposa.

#### “E está fadado a um lugar no *Guehinam* (inferno)”

Por quê? Tudo começa com uma conversa aqui, outra ali... a pessoa vai caindo e acaba por cometer um dos mais graves pecados da *Torá*, merecendo o inferno após seus 120 anos.

Muitos dizem: “Comigo não será



**ESTRELA**  
Aviamentos

**Desejamos muita saúde,  
brachot e alegrias  
para toda Kehilá.**

**Fitas Elásticas Estrela Ltda**  
Rua João Roberto, 580  
Cidade Industrial de Cumbica  
CEP 07221-040 - Guarulhos - SP  
Tel.: (11) 2142-7277  
e-mail: estrela@estrela.ind.br  
www.estrela.ind.br

**Menahem S. Khafif e Família**

Desejam muito sucesso  
para a Congregação  
em todos os seus  
empreendimentos.



assim!”. Mas o homem não consegue perceber o quanto o problema está evoluindo, pois vai caindo gradativamente. No final, acaba se envolvendo e pecando.

*Rabênu Yoná* cita um versículo em *Meguilat Cohêlet* (7:26) em que o Rei Shelomô diz: “Encontrei algo mais amargo que a morte: a mulher cujo coração é uma armadilha para o homem”. Em *Mishlê* (18:22), o mesmo Rei Shelomô diz: “Quem encontra a mulher, encontra a bondade”. Não é uma contradição?

Parece uma contradição, mas o primeiro versículo refere-se a um homem que pecou. Quando a pessoa falece, sai deste mundo e vai para o Mundo Vindouro desfrutar suas recompensas eternas. Já aquele que se envolve intimamente com uma mulher que não é a sua esposa, quando sair deste mundo não irá para o Mundo Vindouro! Seu destino será o *Guehinam*.

O versículo em *Cohêlet* diz “cujo coração é uma armadilha para o homem”. *Rabênu Yoná* diz que o homem que se envolve com outra mulher, fica preso à sua “rede” e não consegue se desvencilhar, pois segue atrás do que o coração pede e não pensa nas consequências que seus atos trarão. O homem que não vê problemas

em “bater papo” com mulheres, acaba virando prisioneiro delas e chegando ao pecado.

Vemos portanto que o ato de pecar não começa diretamente com o pecado, mas com o que leva a pecar. Começa com o rompimento de “cercas” e com atitudes que a própria pessoa se permite, apesar de saber que são erradas. A *Mishná* nos diz para nem conversarmos com mulheres e, assim, não chegarmos ao pecado.

É importante frisar que não devemos ser antipáticos com as mulheres. Também não se trata de definitivamente não falarmos com elas. Deve-se usar o bom senso para saber quando falar ou não, e tentar estender a conversa o menos possível. A regra é “não conversar demais”, mas existem exceções e o bom senso deve prevalecer.

Em relação a homens não casados não conversarem à toa com moças solteiras, a proibição não somente é parte da *halachá* (a lei da *Torá*), mas também é o caminho para ele ter um matrimônio bem-sucedido e ser feliz com sua futura cônjuge. Quanto menos o homem se expõe ao convívio com mulheres antes de casar, mais chances terá de ser bem-sucedido em seu casamento! ■

**Portal judaico brasileiro**

**NASCENTE**

[www.revistanascente.com.br](http://www.revistanascente.com.br)

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

- Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica
- Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi
- Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour
- E muito mais!

# Como Comportar-se

Rabino I. Dichi comentando “Hilchot Deot” do Rambam

Rabino I. Dichi

## Como devemos andar

O Rambam alerta que um *talmid chacham* não deve andar encurvado, porém não deve caminhar ereto demais. Ele diz que se deve andar “com o corpo aprumado”, porém, sem exagero. Também não é correto que o homem ande muito devagar, o que pode denotar orgulho excessivo. Mas não precisa correr desabaladamente, precipitado pelas ruas. É preciso equilíbrio.

É verdade que somos filhos de um rei e devemos nos comportar como tais, mas não é preciso exibir isso para todo o mundo – não devemos ter soberba. É suficiente que nos comportemos em outras coisas como reis e rainhas

Também não se deve andar como se possuísse uma corcova. Mais uma vez, é preciso encontrar o ponto de equilíbrio.

A pessoa deve andar como se estivesse ocupada com seus afazeres, com um passo um pouco apressado, mas não afoito.

O Rambam observa que é possível perceber se alguém é inteligente, sábio, equilibrado, ou não, apenas por seu jeito de caminhar. “Ao tolo, quando anda, falta coração”, escreveu Shelomô *Hamêlech* (*Cohêlet* 10:3). É como se ele avisasse a todos que é um tolo.

## Um homem é o que ele veste

Após a análise de condutas a serem adotadas na forma de comer, de falar, de se portar e até relacionadas ao bem-estar físico, veremos qual a maneira ideal que uma pessoa deve ter ao se vestir.

O Rambam escreve que essas colocações são feitas para um *talmid chacham*. Entretanto, não há diferença no modo como um estudioso

de *Torá* e as demais pessoas devem se vestir. Portanto, essas regras cabem a todos nós.

Diz o Rambam, que a vestimenta de um *talmid chacham* deve ser “formosa e limpa”. É proibido ter alguma mancha em sua roupa. Por outro lado, não vestirá roupas de reis feitas com fios de ouro e púrpura; não se vestirá com ostentação, pois isso chama a atenção. Também não pode se vestir como uma pessoa carente, com roupas que aviltam e rebaixam quem as usa.

Portanto, deve se vestir com uma roupa “intermediária” – mais uma vez, observamos a necessidade de se encontrar o equilíbrio – nem muito luxuosa, nem humilhante. É a isso que se refere o termo “roupa formosa”, com formas e aspecto agradável.

O *talmid chacham* tem de manter seu corpo coberto. Por conseguinte, não é a conduta de um *talmid chacham* vestir-se com roupas transparentes.

Contudo, as mulheres devem vestir-se com o maior recato. Cabe a cada mulher procurar saber qual a maneira correta de se vestir conforme as leis da *Torá*. Deve também ficar atenta para não chamar a atenção de outros homens.

Antigamente, todos usavam vestimentas compridas, diferentes das de hoje em dia. No Oriente, as pessoas costumavam usar túnicas. Estas não devem se arrastar pelo chão, pois, se assim for, darão a impressão de que quem as usa é presunçoso e insolente. A roupa, portanto, não deve passar dos calcanhares. E suas mangas devem ir até o pulso.

Não deverá usar sapatos com remendos no verão e, no inverno – se for uma pessoa carente – poderá usá-los com remendos, para proteger

seus pés do frio e da chuva.

Não se deve sair perfumado e nem com roupas perfumadas. Mas não há problema em usar desodorante ou perfume, exclusivamente para evitar o cheiro de suor.

### Cuide de seu bom comportamento moral

Não é recomendável sair sozinho à noite, justamente para evitar possíveis comentários maldosos. A não ser que isso seja algo habitual, como, por exemplo, ao ter um horário fixo para o estudo da *Torá* todas as noites. Assim, não haverá motivo para as pessoas desconfiarem de sua conduta.

Como observado no *Parágrafo 7*, muitas pessoas justificam-se, pensando: “Por que devo me preocupar com o que os outros pensam ou suspeitam?”. A resposta é um versículo de Shelomô *Hamêlech*: “Afasto todo e qualquer tipo de comentário pejorativo de sua pessoa”.

Concluimos daqui que temos de nos preocupar com que as pessoas não façam qualquer tipo de comentário negativo sobre nós ou sobre nossa conduta. Afinal, vivemos em uma sociedade e não podemos dar motivos para que façam comentários depreciativos de nós.

Na *Torá* está escrito: “Procurem ser ilesos (limpos) com *Hashem* e com *Yisrael*”. Se há algo que *Hashem* nos ordenou fazer, obviamente que a prioridade é obedecer ao Criador. Mas, no caso de já estarmos cumprindo nossos deveres para com *Hashem*, devemos também ter uma boa imagem perante as pessoas, evitando certos comentários a nosso respeito por parte delas.

Sem ostentação e de acordo com suas possibilidades

O *talmid chacham* leva uma vida de equilíbrio. Ele come, bebe e sus- tenta sua família, de acordo com o que

*Hakadosh Baruch Hu* lhe proporcionou. Ele não deve exagerar com luxo desnecessário à sua família. É claro que deve se esforçar para suprir sua família com o que ela necessita, mas não precisa se empenhar em fornecer mais do que o necessário. A *Torá* nos diz que só devemos comer carne quando tivermos apetite para isso, ou seja, vontade de comer carne.

O Rambam diz ser suficiente para uma pessoa sadia (alguém que não precise de carne, como por exemplo, que não sofra de insuficiência de proteína em sua dieta), comer carne de *Shabat* em *Shabat*, ou seja, uma vez por semana.

E se tiver condições financeiras para comer carne todos os dias, pode fazê-lo. Daqui extrai-se a lição de que se deve comer de acordo com as próprias condições financeiras, e não se endividar para isso.

Nossos *chachamim* também nos ordenaram a comer menos do que precisamos, mas nos vestirmos de acordo com o que necessitamos. Ou seja, entre comer e vestir-se, a prioridade é a segunda.

O homem também deve respeitar sua esposa e filhos mais do que a si mesmo. Isso significa que se, por exemplo, o marido tem possibilidade de comprar uma única roupa, na véspera de *Pêssach*, ou para ele ou para ela, ele deve dar preferência à esposa. Além disso, a *Torá* ainda declara que ele deve gostar dela como gosta de si próprio.

Em sua infinita sabedoria, a *Torá* sabe ser impossível que alguém goste do outro mais do que de si próprio, por isso, orienta que o marido goste da esposa como gosta de si mesmo. Já com relação ao respeito, o *Talmud* diz ser preciso que o marido respeite a mulher mais do que respeita a si mesmo (pois isso é algo totalmente possível).

Entretanto, se a roupa do marido estiver em estado precário e a esposa não, a prioridade será dele, pois, como foi explicado no início deste parágrafo, o *talmid chacham* deve se vestir com roupas formosas e sem manchas.

### Pão, casa e casamento

Diz o Rambam que o caminho dos seres equilibrados deve ser o de ter um trabalho que o sustente e, depois, que tenha uma moradia e, finalmente, se case. Aqui, o Rambam cita o versículo da *Torá*, sobre o homem que plantou um vinhedo, e ainda não pode desfrutar dele (os frutos não podem ser consumidos nem vendidos nos primeiros três anos do plantio e, no quarto ano, têm de ser ingeridos em *Êrets Yisrael*); sobre o homem que construiu uma casa e não a inaugurou, ou o que noivou e ainda não se casou. Todos esses são dispensados da guerra.

O Rambam não trouxe esse assunto para nos ensinar sobre quem vai e quem não vai à guerra, mas sim, para orientar quais devem ser as etapas no decorrer da vida de um homem. Primeiramente, ele deve ter um ofício, trabalho (representado pelo vinhedo); depois, deve comprar uma casa e, finalmente, se casar. Essa ordem é retirada dos versículos acima.

Esses que não são equilibrados, que primeiro se casam, compram casa só se puderem e, só depois se preocupam com o sustento, vão acabar tendo de viver de *tsedaká*.

É importante acrescentar aqui o que o Rambam escreve no último capítulo das leis referentes à *Shemitá* e *Yovel*.

“Por que os *leviyim* não receberam uma porção na herança da Terra de *Yisrael* e nos despojos de guerra como seus irmãos?”

“Porque eles foram consagrados

a *Hashem* para servi-Lo e para instruir as pessoas em geral em Seus caminhos justos e Seus juízos corretos, conforme escrito em *Devarim* (33:10), ‘Eles ensinarão Teus juízos a Yaacov e Tua *Torá* a Yisrael’.

“Portanto, eles foram separados dos caminhos do mundo. Eles não fazem guerra como o restante do Povo de Yisrael, nem recebem herança, nem adquirem para si mesmos, por intermédio de seu poder físico. Em vez disso, eles são a Legião de *Hashem* conforme consta em *Devarim* (33:11): ‘*Hashem* abençoou sua Legião’ e Ele os provê, conforme escrito em *Bamidbar* (18:20) ‘Eu sou Tua porção e Tua herança’.

Ou seja, os *leviyim* são separados do envolvimento material para que possam se dedicar ao espiritual. *Hashem*, entretanto, garante que esta troca não vai lhes causar nenhuma perda, porque *Hashem* providenciará a eles suas necessidades materiais.

E o Rambam continua, dizendo que todo indivíduo pode chegar a um nível similar de santidade: “Não somente a tribo de Levi, mas qualquer ser humano, cujo espírito o motivar, e entender com sua sabedoria que deve colocar-se à parte (se afastar) e comparecer diante de D’us para se consagrar a Ele. Ao servir *Hashem* e conhecê-Lo, e prosseguindo da forma correta como D’us o fez, removendo de seu pescoço o jugo dos muitos valores que as demais pessoas buscam – ele será consagrado como o *Kodesh Hakodashim* (o local mais sagrado do *Bet Hamikdash*). D’us será Sua porção e herança para sempre e proporcionar-lhe-á o que é suficiente para ele neste mundo, assim como Ele provê aos *cohanim* e aos *leviyim*. Afinal, David declarou (*Tehilim* 16:5): ‘*Hashem* é o lote da minha porção; Tu és meu cálice, Tu apoias minha sorte’.

Portanto, o próprio Rambam – que escreveu em *Hilchot Deot* ser primeiro necessário ter um trabalho, uma moradia e somente depois deve casar-se – nos revela, em *Hilchot Shemitá*, que pessoas que querem ser como *shevet Levi* poderão optar por estudar. Certamente *Hashem* lhes proverá tudo o que for necessário para sua sobrevivência.

O *Rav Yossef Karo zt”l*, em sua obra sobre o Rambam denominada *Késsef Mishnê, Hilchot Talmud Torá* cap. 3 par. 10 esclarece este assunto com propriedade. Vide também *Biur Halachá*.

### Bens duradouros

Neste parágrafo, o Rambam refere-se a pessoas que possuem bens. Suponhamos que o sujeito se entedie de suas propriedades e resolva doá-las a uma causa sagrada (*kodesh*) como um *Bet Midrash, yeshivá*, etc. Isso não é correto. É, até mesmo, proibido. Ele deve ficar com ao menos o mínimo para manter-se e não ter de recorrer à *tsedacá*.

Diz o Rambam: que não venda um campo (antigamente, o sustento vinha da agricultura), pois irá comprometer seu sustento. E não venda um bem imóvel para comprar bens móveis, pois o imóvel é duradouro, ao contrário dos bens móveis. Já o caminho inverso é permitido: pode vender bens móveis para comprar imóveis. Também não deve fazer comércio com o valor de sua casa onde reside, pois ficará sem ter onde morar.

A regra de tudo isso que estamos estudando, escreve o Rambam, é ter em mente o raciocínio de onde irá ser bem-sucedido. Só se pode trocar o que rapidamente vai embora, pelo que é duradouro.

Também não se deve pensar naquele momento apenas, mas no futuro. Não se pode tirar proveito mo-

mentâneo e gastar tudo, sem pensar no amanhã. O autor também não está dizendo que se deve guardar absolutamente tudo o que se recebe. É preciso ter *emuná* (fé) que *Hashem* deu e dará novamente. O que o Rambam afirma é que a pessoa deve gastar de forma racional, sábia e calculada.

### Negócios honestos

Os negócios do *talmid chacham* são feitos com honestidade. Depois dos 120 anos, todos são julgados e a primeira pergunta que se faz à pessoa é se ela conduziu seus negócios com honestidade. Essa é a primeira pergunta, pois, caso o sujeito tenha obtido dinheiro de forma ilícita e, com ele, cumprido as *mitsvot* (*mezuzot, tefilin, etrog, lulav*, comida *cashier*, etc.), elas não serão contabilizadas como tais, pois foram feitas com dinheiro desonesto. A segunda pergunta é se ela fixou horários para o estudo da *Torá*. Nenhum *yehudi* está isento dessas questões e obrigações.

O Rambam acrescenta duas palavras sobre os negócios feitos com honestidade: *beemet uveemuná* (de uma forma autêntica e de boa-fé).

Ele traz alguns exemplos: quando a pessoa disse “não”, manteve seu “não” da mesma forma quando disse “sim”? De acordo com o Judaísmo, há o conceito comercial de “*mechussar amaná*”, que significa falta de confiabilidade. Por exemplo, se alguém deu sua palavra que vai vender ou comprar, mesmo que não tenha recebido dinheiro ou assinado qualquer tipo de documento – e mesmo que o negócio não está fechado – ele empenhou sua palavra. E, portanto, não deve voltar atrás. *Chachamim* nos dizem que, caso não honre sua palavra, ele é *mechussar amaná*, não é digno de confiança.

Entretanto, há casos nos quais é permitido mudar de ideia. Para

isso, é preciso entender que objetos móveis tornam-se propriedade de alguém, quando são suspensos pelas mãos dessa pessoa. Em algumas aquisições, isso não é possível, e, aí, entra o conceito de *kinyan sudar*, ou seja, suspende-se um lenço, que “substitui” o objeto (impossível de ser erguido), para determinar que, a partir daquele momento, sua propriedade passará para as mãos de outra pessoa. Por exemplo: o noivo, em seu casamento, se compromete com o que está escrito na *ketubá*. Além das duas testemunhas que assinam a *ketubá*, validando-a, é necessário tomar desse noivo um *kinyan* (lenço ou outro objeto, como uma caneta). Este objeto – que pertence ao rabino ou a uma das duas testemunhas – é entregue ao noivo. O noivo deve então suspender esse *kinyan*, e ao fazê-lo o rabino adquire, para a noiva, seus direitos, ou seja, tudo aquilo que está determinado para ela na *ketubá*.

Portanto, vimos aqui que, pela *Torá*, não se adquire nada apenas com palavras. Mas os *chachamim* deram muita importância a ela. Se o sujeito empenhar a palavra, e voltar atrás, ele será chamado de *mechussar amaná*.

Os casos nos quais é permitido alterar a palavra são aqueles em que, eventualmente, surja um fato novo, desconhecido do comprador ou do vendedor. Por exemplo, a pessoa acredita que o carro que está querendo comprar possui câmbio automático, mas, depois, descobre que não. Sua palavra pode ser quebrada, porque ela não foi empenhada sobre as reais condições do bem a ser adquirido. Convém sempre consultar um rabino nestes casos nos quais surgir um fato novo.

Temos de ser minuciosos ao pagarmos por aquilo que compramos, porém, em relação a receber de quem compra de nós, não devemos ser tão minuciosos (exigindo cada centavo, por exemplo).

Diz o Rambam, que o *talmid chacham* deve pagar no ato. Também é recomendável que o *talmid chacham* não seja fiador, pois, caso ele não possa assumir a dívida do outro, levantará comentários negativos sobre si. E, ainda, não deve ser procurador de terceiros, pois poderá ser envolvido em situações desfavoráveis para sua imagem. É preciso que ele preserve sua idoneidade e seu nome.

E se, por exemplo, alguém deve para o *talmid chacham*, ele precisa ser paciente, bondoso, desculpar e dar um prazo para que o devedor lhe pague.

Não se deve entrar em um ramo do comércio no qual seu colega já esteja, para que não acabe desfalcando sua freguesia. Entretanto, atualmente, o comércio é muito diversificado e há situações em que isso é permitido. Estas leis são complexas e extensas. Deve-se sempre consultar um rabino sobre os conceitos de “*yored leumanutô shel chaverô*” e de “*ani hamehapech bacharará*” – leis de competição, disputa e concorrência.

### Que nunca provoque, oprima ou humilhe o outro.

Pergunta o Rambam: “E qual a conclusão que tiramos de tudo o que foi citado anteriormente?”. Ele mesmo responde: “Devemos estar entre os que são perseguidos, em vez daqueles que perseguem; entre os ofendidos, e não os que ofendem”.

Sobre quem se conduz dessa maneira, o profeta Yesha’yáhu, em nome de *Hashem*, o louva dizendo: “Você é Meu servo, Yisrael, que em você, posso Me glorificar”. ■



Para receber a revista NASCENTE gratuitamente em São Paulo, preencha esta ficha e envie para:  
Rua São Vicente de Paulo, 276  
CEP 01229-010  
São Paulo – SP  
ou pelo fax:  
11 3660-0404



**Sim, eu quero receber, gratuitamente a Revista NASCENTE em São Paulo**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

São Paulo - SP

CEP: \_\_\_\_\_ Fones: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Instituição judaica que frequenta: \_\_\_\_\_



# O Acendimento da Chanukiyá

A fim de recordar e de fazer saber o grande milagre de *Chanucá*, nossos sábios determinaram que acendêssemos as chamas de *Chanucá* durante as oito noites da festa. Geralmente, coloca-se a *chanukiyá* sobre uma mesinha, ao lado esquerdo da porta de entrada, frente à *mezuzá* – que está do lado direito – para envolver a entrada da casa com *mitsvot*. Há ainda aqueles que costumam colocar a *chanukiyá* na janela que dá para a via pública, de maneira tal que seja visível aos transeuntes. Contudo, não se deve colocá-la acima de 9,3 metros do solo.

A luz da *chanukiyá* é sagrada pelo fato de que é com ela que recordamos o acendimento da *Menorá* do *Bêth Hamicdash*. Ela não pode ser utilizada para outro fim, como para fazer algum trabalho ou para ler. Por isso, acrescentamos uma vela extra

chamada *shamash*, cuja luz pode ser utilizada em caso de necessidade.

As luzes da *chanukiyá* devem estar alinhadas numa mesma fileira e todas devem ficar na mesma altura. As luzes devem estar distantes o suficiente para que as chamas não se toquem. No caso de usar velas de cera, deve-se aumentar a distância entre elas, para que uma não derreta a outra.

Na primeira noite de *Chanucá* (25 de *kislev*), acende-se uma vela; na seguinte, duas, na terceira, três e assim sucessivamente até a oitava noite, na qual acendem-se as oito velas (mais a vela piloto – *shamash* – que é acesa todas as noites). Assim decidiu *Bêth Hilel*, para que os transeuntes pudessem reconhecer – conforme o número de luzes – qual era o dia da festa. Não obstante, aquele que, por algum motivo, acende uma só vela todas as noites, pode acendê-la com as bênçãos corres-

pondentes.

As luzes de *Chanucá* devem permanecer acesas pelo menos durante meia hora após o aparecimento das estrelas. Antes de acendê-las, devemos nos certificar de que temos a quantidade suficiente de azeite, ou no caso de usarmos velas, que estas sejam bastante grandes para que permaneçam acesas durante o tempo necessário. É preferível acender a *chanukiyá* com azeite a acendê-la com velas.

De preferência, acende-se a *chanukiyá* imediatamente após o aparecimento das estrelas. Porém, se não puder acender imediatamente após a saída das estrelas, poderá acender mais tarde, mas não muito tarde a ponto de não haver mais transeuntes nas ruas ou membros da família acordados em casa, para cumprir com a obrigação de divulgar o milagre de *Chanucá*. Durante a primeira meia hora, por respeito ao acendimento das velas, devemos tratar de não realizar nenhum trabalho – especialmente as mulheres, que tiveram participação decisiva relacionada com os acontecimentos da história de *Chanucá*.

Os *sefaradim* costumam acender uma *chanukiyá* por casa, devendo, de preferência, ser acesa pelo chefe da família com a presença de todos.

As mulheres têm a mesma obrigação que os homens de acender as velas. Portanto, num lugar onde só moram mulheres, uma delas deve acender a *chanukiyá* e recitar as respectivas bênçãos.

Os *ashkenazim* têm o costume de que cada membro da família acende sua própria *chanukiyá*, exceto as mulheres. As esposas devem acender somente quando o marido está ausente.

Na sexta-feira, véspera do *Shabat*, as velas de *Chanucá* são acesas antes daquelas que correspondem ao

*Shabat*. Deve-se preparar uma maior quantidade de azeite ou velas de tamanho maior, a fim de assegurar que ardam até meia hora após o nascer das estrelas. Sábado à noite, *motsaê Shabat*, acendem-se as luzes depois do término do *Shabat* – após a *Havdalá*.

Neste ano, a primeira vela de *Chanucá* deve ser acendida na noite de quinta-feira, dia 7 de dezembro. A vela deve ser posicionada no lado direito da *chanukiyá*.

A partir da segunda noite, acrescenta-se, a cada noite, uma nova vela à esquerda das primeiras. Costuma-se colocar as velas na *chanukiyá* da direita para a esquerda, mas devem ser acendidas da esquerda para a direita (veja ilustração). Ou seja, acende-se primeiro a vela correspondente àquela noite e, em seguida, a que foi acesa na noite anterior.

Deve-se sempre acender as velas da esquerda para a direita. Quando pronunciar a *berachá*, a vela mais próxima de quem recita a *berachá* deverá ser a vela daquela noite – a da esquerda.

Todas as noites recita-se as seguintes *berachot* (pronunciar os hífenos nos nomes de D'us como a letra "o").

*Baruch Atá Ad-nay El-hênu Mêlech haolam asher kideshánu bemitsvotav vetsivánu lehadlic ner Chanucá* (os *ashkenazim* terminam com: *ner shel Chanucá*).

*Baruch Atá Ad-nay El-hênu Mêlech haolam sheassá nissim laavotênu bayamim hahem bazeman hazê.*

Que significam:

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo, Que nos santificou com Seus preceitos e nos ordenou acender a vela de *Chanucá*.

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo, Que

fez milagres para os nossos antepassados naqueles dias nesta época.

Na primeira noite acrescenta-se uma terceira *berachá* antes de acender. Aqueles que, por algum motivo, deixaram de acender na primeira noite, quando acenderem pela primeira vez, também devem recitar a terceira *berachá*:

*Baruch até Ad-nay El-hênu Mêlech haolam shehecheyánu vekiyemánu vehiguiyánu lazeman hazê.*

Que significa:

A fonte das bênçãos és Tu, *Hashem* nosso D'us, Rei do Universo, Que nos deu vida e nos fez existir e nos fez alcançar esta época.

Há quem costuma acender as velas com o auxílio do *shamash* e há os que utilizam uma outra vela. De qualquer forma, as bênçãos devem ser proferidas imediatamente antes do acendimento da vela da noite (e não antes do *shamash*).

Se uma vela se apagar durante o período da meia hora desde o aparecimento das estrelas, exceto no *Shabat*, costuma-se reacendê-la sem recitar novamente as bênçãos. É permitido apagar as velas ou mudá-las de lugar depois que arderam o tempo mínimo necessário de 30 minutos, exceto na sexta-feira à noite.

Se, por qualquer motivo, alguém não pôde acender as velas de *Chanucá* em uma das noites, deverá continuar a acender na noite seguinte conforme o número correspondente. Por exemplo: se não acender na quarta noite, deverá acender cinco velas na quinta noite.

Também na sinagoga deve-se acender as velas de *Chanucá*, proclamando assim o milagre ocorrido; porém, nenhum dos presentes, nem mesmo o encarregado de acendê-las, fica por isso isento de acender as velas em sua casa. ■

# GUIA PRÁTICO DO ACENDIMENTO

## Com horários exclusivos para a cidade de São Paulo

Todas as noites, acende-se o Shamash (ou uma outra vela auxiliar) e depois recita-se as seguintes berachot:  
(Pronunciar os hífen nos nomes de D'us como a letra "o".)

*Baruch Atá Ad-nai El-hênu  
Mêlech haolam asher kideshánu  
bemitsvotav vetsivánu lehadlic  
ner Chanucá.*

Os ashkenazim terminam com:  
ner shel Chanucá.

*Baruch Atá Ad-nai  
El-hênu Mêlech haolam  
sheassá nissim laavotênu  
bayamim hahem bazeman  
hazê.*

Na primeira noite acrescenta-se uma terceira berachá antes de acender:

*Baruch Atá Ad-nay El-hênu  
Mêlech haolam shehecheyánu  
vekiyemánu vehiguiyánu  
lazeman hazê.*

**25**  
kislev



**1ª Noite**

QUINTA-FEIRA, 07/DEZ  
a partir de 19h12m.

**26**  
kislev



**2ª Noite**

SEXTA-FEIRA, 08/DEZ  
Antes do acendimento das velas de  
Shabat, que é às 18h25m.  
Deve haver azeite suficiente para as  
chamas arderem até as 19h45m

**27**  
kislev



**3ª Noite**

SÁBADO, 09/DEZ  
Após a Havdalá, a partir de 19h25m.

**28**  
kislev



**4ª Noite**

DOMINGO, 10/DEZ  
a partir de 19h14m.

**29**  
kislev



**5ª Noite**

SEGUNDA-FEIRA, 11/DEZ  
a partir de 19h15m.

**30**  
kislev



**6ª Noite**

TERÇA-FEIRA, 12/DEZ  
a partir de 19h15m.

**1**  
Tevet



**7ª Noite**

QUARTA-FEIRA, 13/DEZ  
a partir de 19h16m.

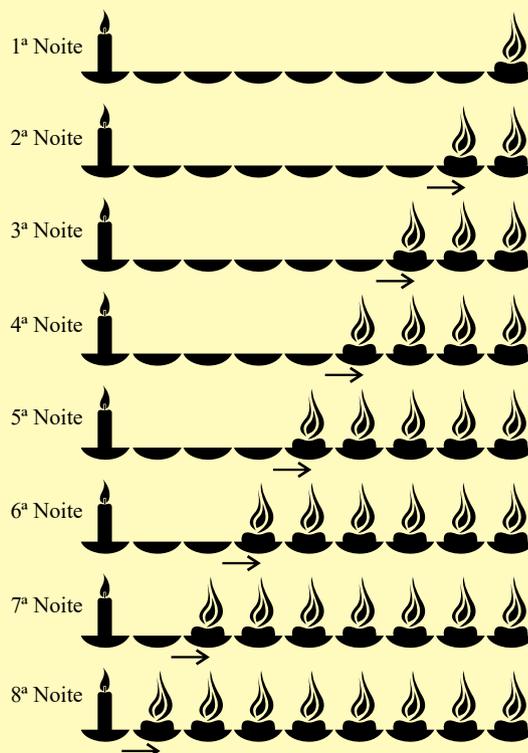
**2**  
Tevet



**8ª Noite**

QUINTA-FEIRA, 14/DEZ  
a partir de 19h16m.

### ACRESCENTAR UMA VELA A CADA NOITE E ACENDER DA ESQUERDA PARA A DIREITA



### ACENDENDO A CHANUKIYÁ NA 3ª NOITE

Na terceira noite, por exemplo, deve-se recitar as duas  
*berachot* e proceder da seguinte forma:

- 1º - Acender a vela nova,  
a da esquerda;
- 2º - Acender a vela logo  
à direita;
- 3º - Por fim, acender  
a seguinte à direita.



# Yehudit

Betulia era uma cidade na Terra de Israel cercada por muralhas.

Ante o perigo da invasão do poderoso exército grego, os judeus daquela cidade se fortificaram em seu interior e prepararam-se para aguentar o cerco do inimigo o máximo possível. Todos sabiam que tentar enfrentar o exército grego seria uma grande loucura.

O temido general grego Holofernes chegou à cidade com um vasto exército, pronto a invadir e destruir tudo e todos.

Holofernes acampou com seu exército às portas da cidade e colocou sentinelas em todos os portões à espera de uma oportunidade de atacar. As muralhas e os portões da cidade eram praticamente indevassáveis. Assim, os gregos ficaram esperando até que os judeus abrissem os portões por algum motivo qualquer, e então atacariam.

Entretanto, os gregos logo perceberam que os judeus poderiam aguentar por muito tempo aquela situação, sem que ninguém entrasse ou saísse da cidade. Sendo assim, o poderoso general colocou um perverso plano em ação.

Seus soldados vasculharam as muralhas

que cercavam toda a cidade e descobriram os canais que a abasteciam de água. Depois, Holofernes ordenou que seus soldados aterrassem e desviassem o curso desses canais, impedindo que a cidade fosse reabastecida. Desta forma, os judeus de Betulia, que antes poderiam aguentar o sítio por muitos meses, viram-se numa situação extremamente difícil. A água armazenada dentro das muralhas da cidade duraria apenas poucos dias. Depois, seus habitantes seriam obrigados a se render ou enfrentar uma batalha praticamente sem esperanças de vitória.

Nem todo o exército de Holofernes, porém, concordava com a guerra contra os judeus. Um de seus principais conselheiros, Achior, preveniu-o sobre os perigos de tal campanha.

– Poderoso general! – disse o conselheiro. – É extremamente perigoso guerrear contra os judeus. Eu conheço bem a história desse povo. Seu D’us é muito poderoso. Todo o tempo que eles cumprem Sua vontade, Ele os protege. Muitos outros reis e generais mais poderosos que você tentaram aniquilar o Povo de Israel e acabaram sendo destruídos. Creio que seria melhor desistirmos desta guerra!

Holofernes, entretanto, ao invés de ouvir as sábias palavras de seu conselheiro, ficou furioso com sua audácia. Imediatamente, mandou que Achior fosse acorrentado e preso numa gaiola, que foi pendurada em frente aos portões de Betulia.

– Você pagará caro por ter se rebelado contra seu general! – gritou Holofernes para o ex-conselheiro. – Eu deixarei que você viva para ver a queda dos judeus e depois o matarei junto com eles!

Os soldados judeus viram, de dentro da cidade, o pobre homem preso e pendurado dentro daquela gaiola às portas da cidade. Gritando aos prantos, Achior explicou o motivo de sua prisão e implorou pela ajuda dos judeus.

Os soldados judeus apiedaram-se do homem e levaram-no para dentro da cidade. Temendo, contudo, que aquilo fosse uma cilada armada por Holofernes, mantiveram Achior preso até que sua história fosse verificada.

Enquanto isso, dentro das muralhas da cidade, os judeus estavam desesperados. A água estava terminando e não havia esperanças de que a situação melhorasse.

Os chefes da comunidade decretaram dias de jejuns e preces para D'us, suplicando para que Ele os salvasse.

Entre os habitantes de Betulia havia uma jovem justa e temente a D'us chamada Yehudit. Yehudit era descendente de uma família de sábios e profetas, era muito rica e extremamente bela.

Yehudit, que passava os dias rezando para que o Todo-Poderoso tivesse piedade de seu povo, não aguentava ver o sofrimento de seus irmãos judeus. A jovem, que estava disposta a dar a vida por seu povo, se necessário fosse, resolveu que faria algo para tentar salvar seus irmãos naquele momento de desespero.

Assim, a corajosa jovem vestiu suas roupas mais caras, enfeitou-se com belas jóias e dirigiu-se com uma de suas escravas para os portões da cidade sitiada. Antes, porém, Yehudit ainda fez uma prece fervorosa ao Todo-Poderoso, para que Ele iluminasse seu caminho e enviasse a salvação de Seu povo por intermédio de suas mãos.

Os sentinelas judeus que guardavam os portões hesitaram em deixar a jovem sair da cidade. Talvez ela estivesse planejando traí-los e revelar segredos sobre a organização da cidade para o terrível general grego. Porém, quando os soldados ouviram suas palavras de fé e confiança em D'us e perceberam que ela realmente estava disposta a colocar sua vida em risco para tentar salvar seu povo, acabaram por deixá-la sair.

– Vá, e que D'us esteja com você! – disseram os soldados abrindo os portões.

Com essas palavras de apoio dos sentinelas, a jovem afastou-se da cidade sozinha com sua escrava em direção ao acampamento grego.

Mal se aproximara do acampamento inimigo, Yehudit se viu cercada por soldados gregos, que a prenderam e levaram-na ante a presença de seu general. Holofernes ficou imediatamente encantado com a beleza da jovem judia.

– Quem é você, moça? E o que faz sozinha aqui em meu acampamento? – perguntou o general em tom cordial.

– Meu nome é Yehudit – respondeu a jovem humildemente. – Eu sei que, cedo ou tarde, o senhor conquistará nossa cidade e a destruirá. Por isso, vim me entregar e implorar para que minha vida e a de minha família sejam poupadas. Estou disposta a tornar-me sua escrava e servi-lo durante o resto de minha vida em troca disso.

As palavras da moça agradaram imensamente o poderoso general. Uma moça judia, de família importante, passando para o lado grego, seria mais um duro golpe sobre a já abalada confiança dos judeus da cidade.

– Eu concordo em poupá-la e a sua família – disse o general decidido. – Não quero, porém, que você seja minha escrava. Quero que você se case comigo.

– Eu estou em suas mãos para que o senhor faça comigo o que achar melhor – disse Yehudit humildemente. – Só peço que me conceda um favor. Eu costumo banhar-me todas as noites nas águas do rio, mas tenho medo de ser incomodada por seus guardas. Gostaria de ter sua autorização para fazer isso.

Imediatamente, o general mandou que seus soldados deixassem Yehudit e sua escrava caminhar livremente pelo acampamento, e ameaçou de morte qualquer um que a interpelasse ou a incomodasse em seus passeios.

No final da tarde, Yehudit realmente foi com sua escrava até o rio. Não para banhar-se, mas sim para implorar novamente ao Todo-Poderoso que tivesse piedade e salvasse seu povo.

Naquela mesma noite, Yehudit convidou o general para um banquete a dois, com comidas que ela mesma prepararia. O general aceitou satisfeito o convite e Yehudit começou a pôr seu plano em prática.

A jovem tinha trazido de sua casa um delicioso queijo forte e salgado. Durante o banquete, ela serviu o queijo ao general e, ao mesmo tempo, foi oferecendo vários litros de um vinho doce para matar sua sede. Distraído, o general comia o queijo e bebia fartamente o vinho.

Quanto mais comia o queijo salgado, mais sede tinha o general. Em poucas horas ele ficou completamente

bêbado e sonolento. Já era tarde da noite quando, finalmente, o terrível Holofernes caiu num sono pesado provocado por todo o vinho que havia bebido. Sorrateiramente, Yehudit retirou a pesada espada que pendia da cintura do general prostrado e murmurou uma breve prece:

– Senhor do Mundo, dá-me forças esta única vez!

Dizendo isto, Yehudit levantou a espada e golpeou com toda sua força o pescoço do general. Foram necessários dois golpes até que a cabeça do perverso estivesse completamente separada de seu corpo.

Imediatamente, Yehudit pegou a cabeça do general e embrulhou-a em sua capa. Com o coração disparado, quase saltando pela boca, a corajosa mulher chamou sua escrava e mostrou-lhe o que conseguira fazer.

As duas ainda precisaram esperar alguns minutos para recuperar a cor de suas faces pálidas.

Encorajando-se mutuamente, as jovens saíram da tenda de Holofernes, caminhando calmamente, como se nada tivesse ocorrido, em direção ao rio. A vontade de Yehudit era correr o máximo possível de volta à sua cidade. Entretanto, naquele momento, qualquer movimento brusco ou expressão suspeita poderia denunciá-las aos inimigos.

Os sentinelas gregos estranharam ver as duas mulheres caminhando pelo acampamento numa hora tão tardia, mas não se aproximaram delas nem disseram nada. Afinal, Holofernes havia sido muito claro em sua ordem para que deixassem as moças andar livremente, e todos temiam enfrentar sua ira se desobedecessem suas palavras.

Quando Yehudit percebeu que já não podia mais ser vista pelos soldados do acampamento, mudou de dire-

ção e correu com sua escrava para Betulia, que permanecia completamente fechada, com medo da invasão do inimigo grego. Os soldados que guardavam os portões assustaram-se com os gritos da mulher que pedia para entrar, mas logo reconheceram a voz da jovem Yehudit e abriram os portões para que ela e sua escrava entrassem.

Quando Yehudit finalmente conseguiu mostrar o que trazia em suas mãos, os soldados judeus não queriam acreditar que aquela era a cabeça do tão temido general grego.

Achior, o prisioneiro que tinha sido condenado por Holofernes por ter desaconselhado a guerra contra os judeus, foi trazido para reconhecer a cabeça de seu senhor. Achior não pôde conter sua surpresa ao saber que o terrível e poderoso Holofernes tivera a cabeça decepada por uma jovem indefesa.

– Bendito é o D'us de Israel que colocou seus inimigos em suas mãos! – exclamou Achior espantado, ajoelhando-se no chão.

A notícia da miraculosa morte do general espalhou-se como fogo pela cidade, levando gritos de alegria e júbilo por onde passava. Somente Yehudit ainda não estava tranquila.

– Agora ainda não é o momento para comemorações – disse a jovem aos líderes da cidade. – Devemos aproveitar esta oportunidade para um contra-ataque aos gregos antes que eles possam se reorganizar.

Rapidamente, o pequeno mas confiante exército judeu começou a se formar. Jovens e velhos, fortes e fracos, soldados armados e trabalhadores com armas improvisadas, juntaram-se a seus líderes e avançaram em direção ao acampamento grego, alcançando-o antes do amanhecer.

Quando os oficiais gregos ouviram os gritos de guerra e viram o exército

judeu aproximando-se rapidamente, permaneceram mudos de espanto.

– O que aconteceu para que eles saíssem de seus buracos? – perguntaram, rindo-se, uns aos outros.

Imediatamente, um dos oficiais entrou na tenda do general para acordá-lo e prepará-lo para a batalha que se aproximava. Qual não foi sua surpresa ao encontrar o corpo de seu líder estirado no chão, completamente sem vida... e sem cabeça. Com os olhos arregalados e com a face branca como a neve, o oficial grego saiu da tenda e contou para seus companheiros a terrível notícia. Neste momento, um imenso pavor tomou conta do exército grego.

Antes que os oficiais pudessem se recuperar do susto e organizar suas tropas, os judeus invadiram o acampamento e atacaram-no violentamente. Amedrontados, desorganizados e sem liderança, os gregos caíram como moscas frente ao pequeno, mas valente e confiante, exército de Israel. Os soldados gregos que permaneceram vivos nem mesmo tentaram uma reação, fugiram em debandada, deixando para trás suas armas, seus animais e seus pertences.

Os judeus pegaram as armas e tudo que tinha algum valor do acampamento abandonado e voltaram alegremente para a cidade. Os soldados reabriram ainda os canais de água fechados pelos gregos e a cidade comemorou feliz, agradecendo ao Todo-Poderoso, a milagrosa vitória.

A coragem e o sacrifício da virtuosa Yehudit por seu povo ficaram marcados na história do Povo de Israel. Nossos sábios, em lembrança desta vitória e do milagre de Yehudit, instituíram o costume de comer laticínios em *Chanucá*, em lembrança do queijo salgado que levou à morte o poderoso Holofernes. ■

## **ROSH CHÔDESH**

### **Terça-feira, dia 14 de novembro.**

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

## **BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA**

Início (conforme costume sefaradi): Segunda-feira, dia 20 de novembro, às 2h17m (horário para São Paulo).

Final: Segunda-feira, dia 27 de novembro, às 20h39m (horário para São Paulo).

## **BARECH ALÊNU**

Começa-se a recitar o trecho de Barech Alênu (veten tal umatar) nas amidot a partir do Arvit de terça-feira, dia 5 de dezembro.

## **CHANUCÁ**

### **De 07 de dezembro a 15 de dezembro.**

Primeira vela - Quinta-feira, dia 07 de dezembro à noite.

Oitava vela - Quinta-feira, dia 14 de dezembro à noite.

Em Chanucá é proibido jejuar.

Durante os dias de Chanucá não se diz Tachanun, recita-se o Hallel completo e faz-se as leituras especiais na Torá.

Nesta festa, instituída por nossos sábios, celebramos a grande salvação que D'us proporcionou aos macabeus, que apesar de serem poucos, se comparados com as forças helenísticas, derrotaram-nas. Comemoramos também o milagre da ânfora de azeite, cujo conteúdo bastava para um único dia, mas que durou oito – o tempo necessário para a produção de novo azeite puro.

Chanucá quer dizer inauguração (ou consagração) e refere-se à reconsecração do Templo ao serviço Divino, após ter sido profanado com imagens e práticas pagãs durante o domínio greco-assírio.

Chanucá é observada durante oito dias, a partir do dia 25 de Kislev, com o acendimento da chanukiyá ao anoitecer, com exceção da véspera de Shabat

De preferência, acende-se a chanukiyá imediatamente após o aparecimento das estrelas e não muito tarde a ponto de não haver mais transeuntes nas ruas ou membros da família acordados em casa, para cumprir a obrigação de divulgar o milagre. Durante meia hora após o acendimento, em honra às luzes de Chanucá, evitamos realizar qualquer trabalho – especialmente as mulheres, pois elas tiveram participação decisiva no desfecho dos acontecimentos da história de Chanucá. Tanto os homens quanto as mulheres têm obrigação de acender as luzes de Chanucá. Porém, mulheres casadas somente devem acender quando o marido está ausente. Os sefaradim costumam acender uma chanukiyá por casa, devendo, de preferência, ser acesa pelo chefe da família com a presença de todos. Os ashkenazim têm o costume de cada membro da família acender a sua própria chanukiyá, exceto as mulheres. Costuma-se colocar as velas na chanukiyá da direita para a esquerda, mas devem ser acesas da esquerda para a direita. Há quem costuma acender as velas com o auxílio do shamash e há os que utilizam uma outra vela. De qualquer forma, as bênçãos devem ser proferidas antes do acendimento da vela do dia – e não antes do acendimento do shamash.

# Tevet<sup>5784</sup> | 13 de Dezembro de 2023 a 10 de Janeiro de 2024

## ROSH CHÔDESH

**Quarta-feira, dia 13 de dezembro.**

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se o Hallel completo (por ser Chanucá) em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

## JEJUM 10 DE TEVET

**Sexta-feira, 22 de dezembro.**

Início - 04h00m. Término - 19h21m (em São Paulo).

Foi nesta data que Nabucodonossor, rei da Babilônia, completou o cerco de Jerusalém e a cidade passou a sofrer as consequências deste sítio.

Este foi o início do processo que culminou com a destruição do Primeiro Templo e o Exílio Babilônico.

## BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Terça-feira, 19 de dezembro, às 19h19m

(horário para São Paulo).

Final: Noite de terça-feira e madrugada de quarta-feira, 27 de dezembro, às 04h03m (em São Paulo).

# Shevat<sup>5784</sup> | 11 de Janeiro de 2024 a 09 de Fevereiro de 2024

## ROSH CHÔDESH

**Quinta-feira, 11 de janeiro.**

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Hallel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

## BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Quinta-feira, 18 de janeiro às 03h45

(horário para São Paulo).

Final: Quinta-feira, 25 de janeiro, às 22h07m

(horário para São Paulo).

## TU BISHVAT

**Ano novo das árvores.**

**Quinta-feira, 25 de janeiro.**

Não se recita Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

No dia quinze do mês de shevat comemora-se o ano novo agrícola.

Costuma-se fazer uma refeição com diversos tipos de frutas neste dia, principalmente com as frutas sobre as quais a Terra de Israel é enaltecida.

## HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

01 de dezembro	-	18h20m	19 de janeiro	-	18h38m
08 de dezembro	-	18h25m	26 de janeiro	-	18h37m
15 de dezembro	-	18h29m	02 de fevereiro	-	18h34m
22 de dezembro	-	18h33m	09 de fevereiro	-	18h31m
29 de dezembro	-	18h36m	16 de fevereiro	-	18h26m
05 de janeiro	-	18h38m	23 de fevereiro	-	18h21m
12 de janeiro	-	18h39m	01 de março	-	18h16m

## PARASHAT HASHAVUA

02 de dezembro	-	Parashat: Vayishlach Haftará: Chazon Ovadyá (sefaradim)
09 de dezembro	-	Parashat: Vayêshev (Chanucá) Haftará: Roni Vessimchi
16 de dezembro	-	Parashat: Mikets Haftará: Vayicats Shelomô
23 de dezembro	-	Parashat: Vayigash Haftará: Vayhi Devar Hashem
30 de dezembro	-	Parashat: Vaychi Haftará: Vayicrevu Yemê David Lamut
06 de janeiro	-	Parashat: Shemot Haftará: Divrê Yirmeyáhu (sefaradim)
13 de janeiro	-	Parashat: Vaerá Haftará: Cô Amar Hashem Elokim
20 de janeiro	-	Parashat: Bô Haftará: Hadavar Asher Diber Hashem
27 de janeiro	-	Parashat: Beshalach Haftará: Vatáshar Devorá (sefaradim)
03 de fevereiro	-	Parashat: Yitrô Haftará: Bishnat Mot Hamêlech Uziyáhu
10 de fevereiro	-	Parashat: Mishpatim Haftará: Hadavar Asher Hayá El Yirmeyáhu
17 de fevereiro	-	Parashat: Terumá Haftará: Vashem Natan Chochmá Lishlomô

## HORÁRIO DAS TEFILOT

**Shachrit** - De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin), 06h20m (Térreo), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).

Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.

# HORÁRIOS PARA KISLEV, TEVET E SHEVAT

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussaf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)	
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset		
Novembro	14	04:01	04:24	05:14	07:44	07:56	08:32	08:58	09:39	11:51	12:24	12:41	12:57	17:05	17:20	18:28	
	15	04:00	04:24	05:14	07:44	07:55	08:33	08:58	09:39	11:52	12:25	12:42	12:58	17:06	17:21	18:29	
	16	04:00	04:23	05:13	07:44	07:55	08:32	08:58	09:38	11:51	12:24	12:42	12:57	17:06	17:21	18:29	
	17	03:59	04:23	05:13	07:43	07:55	08:32	08:58	09:39	11:52	12:25	12:42	12:58	17:07	17:22	18:30	
	18	03:59	04:23	05:13	07:43	07:55	08:32	08:58	09:39	11:52	12:25	12:42	12:58	17:08	17:23	18:31	
	19	03:59	04:22	05:12	07:43	07:55	08:32	08:58	09:38	11:52	12:25	12:42	12:58	17:08	17:23	18:31	
	20	03:58	04:22	05:12	07:43	07:54	08:32	08:58	09:39	11:52	12:25	12:42	12:59	17:09	17:23	18:32	
	21	03:58	04:22	05:12	07:43	07:55	08:32	08:58	09:39	11:52	12:26	12:43	12:59	17:10	17:24	18:33	
	22	03:57	04:22	05:12	07:43	07:54	08:32	08:58	09:39	11:53	12:26	12:43	13:00	17:10	17:25	18:34	
	23	03:57	04:22	05:12	07:43	07:54	08:32	08:58	09:39	11:53	12:26	12:43	13:00	17:10	17:25	18:34	
	24	03:57	04:21	05:11	07:43	07:55	08:32	08:58	09:39	11:53	12:26	12:44	13:00	17:11	17:26	18:35	
	25	03:57	04:21	05:11	07:43	07:55	08:32	08:58	09:39	11:54	12:27	12:44	13:01	17:12	17:27	18:36	
	26	03:56	04:21	05:11	07:42	07:54	08:32	08:58	09:39	11:54	12:27	12:44	13:01	17:12	17:27	18:36	
	27	03:56	04:21	05:11	07:42	07:54	08:32	08:58	09:40	11:54	12:28	12:44	13:01	17:13	17:28	18:37	
	28	03:56	04:21	05:11	07:43	07:54	08:33	08:58	09:40	11:54	12:28	12:45	13:02	17:14	17:29	18:38	
	29	03:56	04:21	05:11	07:43	07:54	08:33	08:58	09:40	11:54	12:28	12:45	13:02	17:14	17:29	18:38	
	30	03:56	04:21	05:11	07:43	07:55	08:33	08:59	09:40	11:55	12:29	12:46	13:02	17:15	17:29	18:39	
	Dezembro	1	03:56	04:21	05:11	07:43	07:55	08:33	08:59	09:41	11:56	12:29	12:46	13:03	17:16	17:30	18:40
		2	03:56	04:21	05:11	07:44	07:55	08:34	08:59	09:41	11:56	12:30	12:47	13:04	17:17	17:31	18:41
		3	03:56	04:21	05:11	07:44	07:55	08:34	08:59	09:41	11:56	12:30	12:47	13:04	17:17	17:31	18:41
		4	03:56	04:21	05:11	07:44	07:56	08:34	09:00	09:41	11:56	12:30	12:47	13:04	17:18	17:32	18:42
		5	03:56	04:21	05:11	07:44	07:56	08:34	09:00	09:42	11:57	12:31	12:48	13:05	17:18	17:33	18:43
		6	03:56	04:22	05:12	07:44	07:56	08:35	09:00	09:42	11:58	12:31	12:48	13:05	17:19	17:33	18:43
		7	03:56	04:22	05:12	07:44	07:56	08:35	09:00	09:43	11:58	12:32	12:49	13:06	17:19	17:34	18:44
		8	03:56	04:22	05:12	07:45	07:56	08:35	09:01	09:43	11:58	12:32	12:49	13:06	17:20	17:35	18:45
		9	03:56	04:22	05:12	07:45	07:56	08:35	09:01	09:43	11:58	12:32	12:49	13:06	17:20	17:35	18:45
		10	03:56	04:22	05:12	07:45	07:57	08:36	09:01	09:43	11:59	12:33	12:50	13:07	17:21	17:36	18:46
		11	03:56	04:23	05:13	07:45	07:57	08:36	09:01	09:44	12:00	12:34	12:50	13:08	17:22	17:37	18:47
		12	03:56	04:23	05:13	07:45	07:57	08:36	09:01	09:44	12:00	12:34	12:50	13:08	17:22	17:37	18:47
		13	03:57	04:23	05:13	07:46	07:58	08:37	09:02	09:45	12:01	12:34	12:51	13:08	17:23	17:38	18:48
		14	03:57	04:24	05:14	07:46	07:58	08:38	09:02	09:45	12:01	12:35	12:51	13:09	17:23	17:38	18:48
15		03:57	04:24	05:14	07:46	07:58	08:38	09:03	09:46	12:02	12:35	12:52	13:09	17:24	17:38	18:49	
16		03:57	04:24	05:14	07:46	07:58	08:38	09:03	09:46	12:02	12:36	12:52	13:10	17:25	17:39	18:50	
17		03:58	04:25	05:15	07:47	07:59	08:39	09:04	09:47	12:03	12:36	12:53	13:10	17:25	17:39	18:50	
18		03:58	04:25	05:15	07:48	07:59	08:39	09:04	09:47	12:03	12:37	12:54	13:11	17:26	17:40	18:51	
19		03:59	04:26	05:16	07:48	08:00	08:40	09:05	09:48	12:04	12:37	12:54	13:11	17:26	17:40	18:51	
20		03:59	04:26	05:16	07:48	08:00	08:40	09:05	09:48	12:04	12:38	12:54	13:12	17:27	17:41	18:52	
21		03:59	04:26	05:16	07:48	08:00	08:40	09:05	09:48	12:04	12:38	12:54	13:12	17:27	17:41	18:52	
22		04:00	04:27	05:17	07:50	08:01	08:41	09:06	09:49	12:05	12:39	12:56	13:13	17:28	17:42	18:53	
23		04:00	04:27	05:17	07:50	08:01	08:41	09:06	09:49	12:05	12:39	12:56	13:13	17:28	17:42	18:53	
24		04:01	04:28	05:18	07:50	08:02	08:42	09:07	09:50	12:06	12:40	12:56	13:14	17:29	17:43	18:54	
25		04:01	04:28	05:18	07:50	08:02	08:42	09:07	09:50	12:06	12:40	12:56	13:14	17:29	17:43	18:54	
26		04:02	04:29	05:19	07:52	08:03	08:43	09:08	09:51	12:07	12:41	12:58	13:15	17:30	17:44	18:55	
27		04:03	04:30	05:20	07:52	08:04	08:44	09:09	09:52	12:08	12:41	12:58	13:15	17:30	17:44	18:55	
28		04:03	04:30	05:20	07:52	08:04	08:44	09:09	09:52	12:08	12:42	12:58	13:16	17:30	17:44	18:56	
29		04:04	04:31	05:21	07:53	08:05	08:45	09:10	09:53	12:09	12:42	12:59	13:16	17:31	17:45	18:56	
30		04:04	04:31	05:21	07:53	08:05	08:45	09:10	09:53	12:09	12:42	12:59	13:16	17:31	17:45	18:56	
31		04:05	04:32	05:22	07:54	08:06	08:46	09:11	09:54	12:10	12:43	13:00	13:17	17:31	17:45	18:57	
Janeiro	1	04:05	04:33	05:23	07:54	08:06	08:46	09:11	09:54	12:10	12:44	13:00	13:18	17:32	17:46	18:57	
	2	04:06	04:33	05:23	07:55	08:07	08:46	09:11	09:54	12:10	12:44	13:00	13:18	17:32	17:46	18:57	
	3	04:07	04:34	05:24	07:56	08:08	08:47	09:12	09:55	12:10	12:44	13:01	13:18	17:32	17:47	18:57	
	4	04:07	04:35	05:25	07:56	08:08	08:48	09:12	09:56	12:12	12:45	13:01	13:19	17:32	17:47	18:58	
	5	04:07	04:35	05:25	07:56	08:08	08:48	09:12	09:56	12:12	12:45	13:01	13:19	17:32	17:47	18:58	
	6	04:09	04:36	05:26	07:58	08:09	08:49	09:14	09:57	12:12	12:46	13:02	13:20	17:33	17:48	18:58	
	7	04:10	04:37	05:27	07:58	08:10	08:50	09:14	09:57	12:12	12:46	13:03	13:20	17:34	17:48	18:58	
	8	04:11	04:38	05:28	07:59	08:11	08:50	09:15	09:58	12:13	12:47	13:03	13:20	17:34	17:48	18:58	
	9	04:11	04:38	05:28	07:59	08:11	08:51	09:15	09:58	12:14	12:47	13:04	13:21	17:35	17:49	18:59	
	10	04:12	04:39	05:29	08:00	08:12	08:52	09:16	09:59	12:14	12:48	13:04	13:22	17:35	17:49	18:59	
	11	04:13	04:40	05:30	08:01	08:12	08:52	09:17	10:00	12:15	12:48	13:04	13:22	17:35	17:49	18:59	
	12	04:14	04:40	05:30	08:02	08:13	08:52	09:17	10:00	12:15	12:48	13:05	13:22	17:35	17:49	18:59	
	13	04:15	04:41	05:31	08:02	08:14	08:53	09:18	10:00	12:15	12:49	13:05	13:22	17:35	17:49	18:59	
	14	04:16	04:42	05:32	08:03	08:15	08:54	09:19	10:01	12:16	12:49	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59	
	15	04:16	04:43	05:33	08:03	08:15	08:54	09:19	10:02	12:16	12:50	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59	
	16	04:17	04:43	05:33	08:04	08:16	08:54	09:19	10:02	12:16	12:50	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59	
	17	04:18	04:44	05:34	08:04	08:16	08:55	09:20	10:02	12:16	12:50	13:06	13:24	17:35	17:50	18:59	
	18	04:19	04:45	05:35	08:05	08:17	08:56	09:21	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:35	17:50	18:59	
	19	04:20	04:46	05:36	08:06	08:18	08:56	09:21	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:34	17:49	18:58	
	20	04:21	04:46	05:36	08:07	08:18	08:56	09:22	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:34	17:49	18:58	
	21	04:22	04:47	05:37	08:07	08:19	08:57	09:22	10:04	12:18	12:51	13:08	13:24	17:35	17:49	18:58	
	22	04:23	04:48	05:38	08:08	08:20	08:58	09:23	10:05	12:18	12:51	13:08	13:25	17:35	17:49	18:58	
	23	04:24	04:49	05:39	08:09	08:20	08:59	09:24	10:05	12:18	12:52	13:08	13:25	17:35	17:49	18:58	
	24	04:25	04:49	05:39	08:10	08:21	08:59	09:24	10:05	12:18	12:52	13:09	13:25	17:35	17:49	18:57	
	25	04:25	04:50	05:40	08:10	08:21	08:59	09:24	10:06	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:57	
	26	04:26	04:51	05:41	08:10	08:22	09:00	09:25	10:06	12:19	12:						



Leiluy Nishmat  
Sr. Charles Cohab Z"L  
Sr. Alberto Douer Z"L



**Bank Cainvest**

[www.cainvest.com](http://www.cainvest.com)